

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

JOÃO VICTOR FRANCISCO PEREIRA MENDES

As ocupações secundaristas de 2016 em Uberlândia-MG.

UBERLÂNDIA

2022

JOÃO VICTOR FRANCISCO PEREIRA MENDES

As ocupações secundaristas de 2016 em Uberlândia-MG.

Monografia apresentada aos Cursos de Graduação em História da Universidade Federal de Uberlândia, como exigência parcial para obtenção do título de Licenciado e Bacharel em História, sob orientação da Profa. Dra. Regina Ilka Vieira Vasconcelos.

UBERLÂNDIA

2022

JOÃO VICTOR FRANCISCO PEREIRA MENDES

As ocupações secundaristas de 2016 em Uberlândia-MG.

Banca Examinadora

Profa. Dra. Regina Ilka Vieira Vasconcelos

Profa. Dra. Marta Emisia Jacinto Barbosa

Prof. Me. Diego Marcos Silva Leão

Para minha avó querida, Maria do Carmo.

(In memoriam)

Dedico esta pesquisa para todos meus companheiros de luta em 2016,
pelo movimento que construímos.

Ocupar e Resistir!

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer aos meus familiares pelo apoio e incentivo. Em especial, à minha avó Maria do Carmo, que me ensinou a ler e escrever, a questionar o mundo, me incentivou a ocupar desde o primeiro minuto da ocupação. Apesar das inseguranças e dos perigos até o final, ela continuou uma apoiadora assídua. Agradeço por ela ter me dado todos os alicerces para ser um dos primeiros da família a ter um diploma, mesmo diante das dificuldades. Agradeço à minha mãe por ser uma guerreira que me proporcionou a estabilidade e o conforto para que eu conseguisse chegar até aqui. Agradeço ao meu padrasto Gilberto, minha tia Ana Cecília, minha prima Rayssa pelo apoio.

Agradeço a todos os professores que me proporcionaram um crescimento intelectual e humano, me ajudaram a conseguir ser quem eu sou hoje, enquanto cidadão, pessoa e professor. Em especial aos professores do “Zé”, a escola do meu coração e que foi ela a manjedoura do movimento, de seres humanos sagazes, inquietos com o mundo, buscando construir uma sociedade melhor. Agradeço também aos professores do INHIS da UFU, em especial a professora Regina Ilka Vieira Vasconcelos e a professora Marta Emisia Jacinto Barbosa, que nos nutriram com esperança, força e conhecimento, mostraram a beleza da docência, da necessidade de, mesmo enquanto professores, continuarmos pesquisadores, pois é um processo inerente para todos os historiadores, por proporcionarem momentos únicos e muito alegres, pelas orientações e todo cuidado para termos a melhor formação possível, agradeço imensamente pela construção de quem sou hoje.

Aos meus colegas e amigos, agradeço imensamente pelo apoio, pelas experiências e pelos caminhos que vocês proporcionaram para mim enquanto ser humano. Agradeço ao meu amigo Anibal Barbalho, por nossa longa amizade e incentivo para ingressar na graduação em história. À minha amiga Vitória, pela força, camaradagem durante as ocupações e pelo amparo e pela companhia nos momentos mais difíceis da minha vida. Agradeço e retribuo o carinho, o apoio e a amizade construída nesse caminhar no curso de história, à minha amiga Andressa Macedo, Matheus Nobre, Felipe Palazzo, Cristiano, Matheus Gomes, Arthur Fredo (que esteve ao meu lado me dando força durante o curso, me mostrando a necessidade de uma postura

crítica e me ajudando em minhas descobertas enquanto indivíduo) e a todos os que estiveram ao meu lado nessa trajetória.

Agradeço aos meus amigos e companheiros do LABHECC, por me ajudarem a construir em conjunto com nossas professoras e coordenadoras, uma postura profissional, ética e crítica. A trabalhar e ensinar sempre a história a contrapelo, a mergulhar nas profundidades e possibilidades oferecidas pela história social. Agradeço a Beatriz Cristina, Isadora Bueno, José Guilherme, Lenon, Ana Luisa Sesso, Marcos Paulo, fico imensamente feliz por estarmos juntos, não imaginava a riqueza de momentos que seriam construídos quando iniciamos no laboratório.

Agradeço em especial aos meus amigos que ajudaram na construção dessa pesquisa com seu tempo, sua paciência e sua memória. À minha amiga Ana Cristina, que me mostrou que a ocupação criou vida e que nunca podemos esquecer de onde viemos, ao meu amigo Pedro Igor, pela postura firme e pela necessidade de sempre ir além do conhecimento que temos, à minha amiga Ana Terra, com seu bom humor e pelos momentos em que compartilhamos, que mostrou a necessidade de mais lideranças femininas e a importância em lutar para isso acontecer. Agradeço também à minha amiga Karine, que, desde o primeiro momento em que nos conhecemos, mostrou a necessidade de nunca desistirmos, de ter uma postura crítica e muita tenacidade em construir um mundo melhor. À minha amiga Dyovanna que sempre me apoiava e me mostrava que temos de lutar por nossas ideias e por quem você é. Ao meu amigo Alan, da necessidade em questionar o sistema, conseguimos ir longe. À minha amiga Pietra, da necessidade de reconhecermos a importância da docência e de construir uma escola plural e interdisciplinar. Agradeço imensamente a vocês, que foram muito carinhosos e conseguiram me mostrar que a história oral não é um bicho de sete cabeças, mas um incrível mundo de possibilidades para compreender a história da humanidade.

Agradeço aos meus amigos Nathália, pelo apoio, incentivo, esperança e a estar do meu lado, mostrando que não precisamos ter medo, na necessidade de ver o lado belo do mundo, da importância do amor e da amizade na vida humana. Agradeço ao Vinícius, que esteve ao meu lado nesse percurso, ajudando na construção da minha postura enquanto pesquisador, nos conselhos da vida, em me ouvir, e, principalmente, no amparo durante todo esse percurso da monografia.

Agradeço à Universidade Federal de Uberlândia por ter me proporcionado momentos tão íntimos, ricos e felizes, ajudando a construir meu lado profissional, a defender a importância e a necessidade do ensino público. Agradeço as políticas de auxílio e permanência estudantil, sem elas eu não conseguiria chegar ao final do curso, por isso ressalto a importância da luta para a continuidade desses programas, por isso agradeço imensamente a todos que lutaram para

a construção destas políticas e fizeram/fazem de tudo para impedir a retirada desses direitos. Obrigado!

Agradeço às experiências do PIBID e da Residência Pedagógica, por me introduzir na realidade da escola pública enquanto docente, ajudaram a construir todas as ferramentas necessárias para a docência. Agradeço em especial à minha preceptora Jacqueline Mendonça, por ter ajudado a despertar a necessidade de construirmos um ensino preocupado com os estudantes, ter me chamado atenção para pontos da minha atuação que precisavam melhorar, assim, sempre nos incentivando a sermos melhores, por ter nutrido a todos da sua equipe com esperança e força durante esse momento muito difícil que vivenciamos que foi a pandemia e o ensino remoto.

Agradeço também à minha psicóloga Nicole, pelo extenso e intenso trabalho para a minha construção pessoal, pela necessidade de exercermos a constante lapidação do nosso interior. Do reconhecimento do cuidado da saúde mental. Por ter me equilibrado quando eu estava inerte e desanimado, me ajudado a construir confiança e inteligência emocional para lidar com as adversidades da vida. Principalmente, por ter me ajudado a retomar minha força nesse duro processo de finalização do curso.

Por fim, agradeço a todos aqueles que contribuíram, de alguma forma, para a realização deste trabalho. Peço desculpas caso eu tenha esquecido algum nome, mas ressalto a importância de todos que participaram, direta ou indiretamente, do desenvolvimento, enquanto indivíduo e na minha trajetória no curso, deste trabalho de pesquisa. Muito obrigado pelo enriquecimento do meu processo de aprendizado. Muito obrigado às pessoas com quem convivi ao longo desses anos de curso, que me incentivaram, estiveram ao meu lado, direta ou indiretamente, e que, certamente, tiveram impacto na minha formação acadêmica, pessoal e profissional. Meu sincero muito obrigado!

Tomara que os olhos de inverno das circunstâncias mais doídas não sejam capazes de encobrir por muito tempo os nossos olhos de sol. [...] Que a lembrança dos pés feridos quando, valentes, descalçamos os sentimentos, não nos tire a coragem de sentir confiança.

Ana Jácomo

RESUMO

Esta pesquisa teve como objetivo analisar as ocupações secundaristas de 2016 na cidade de Uberlândia, observando a organização do movimento secundarista naquele período e a reação da cidade. Entendeu-se as ocupações nas escolas públicas da cidade de Uberlândia como um movimento único, que se configuraram diretamente a partir da conjuntura política brasileira daquele período, repercutindo ainda no presente nos sujeitos que vivenciaram esse evento. Para alcançar os sujeitos que vivenciaram aquela experiência, a metodologia da pesquisa se desenvolveu com a inclusão da história oral na produção de fontes em conjunto com reportagens produzidas pela imprensa naquele período. A estratégia para a análise foi o estabelecimento do contraste dentre as narrativas, com a problematização de perspectivas, projetos e contradições entre os diversos grupos envolvidos no processo. A partir da problematização da conjuntura de 2016 e dos resultados no momento presente do que foi construído naquele período, foi possível identificar as ocupações como um movimento único, com organização própria e que permitiram a explicitação da importância da atuação política da juventude no âmbito do cotidiano escolar, e a construção de uma consciência em torno da articulação entre política, educação e cidadania.

Palavras-chave: Ocupações Secundaristas; Educação e Escola Pública; Estudantes e Cidade; Uberlândia.

ABSTRACT

This research aims to analyze the high school occupations of 2016, observing the organization of the high school movement in that period and the reaction of the city. The occupations in public schools in the city of Uberlândia are understood as a unique movement, which is configured directly from the Brazilian political conjuncture of that period, still having repercussions in the present on the subjects who experienced this event. For this, it is necessary to use oral history as a source in conjunction with reports produced by the press in that period, the book written by the prosecutor responsible for the investigation regarding the occupations will also be used. The sources are very important to contrast narratives and better problematize the perspectives, projects and contradictions between the different groups in the process. From all the visualization organized in the research process, I identify the occupations as a single movement, with its own organization and totally changeable as it took place, the importance of the relationship of young people and contact with the school routine, made possible the construction of a proper notion about politics, education and citizenship. Therefore, it is necessary to debate the guidelines, problems and solutions brought by young people from this process.

Keywords: Secondary Occupations; Education and Public School; Students and City; Uberlândia.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO 1 As ocupações e o movimento organizado pelos estudantes	23
1.1 A organização das ocupações	23
1.2 Os sujeitos das ocupações	33
CAPÍTULO 2 Conflitos e contradições em torno do movimento de ocupações	47
2.1 A reação da cidade de Uberlândia e dos moradores	47
2.2 Conflitos e contradições	58
CONSIDERAÇÕES FINAIS	71
FONTES	75
BIBLIOGRAFIA	78

INTRODUÇÃO

O tema escolhido para essa pesquisa tem como recorte as ocupações secundaristas de 2016 que ocorreram na cidade de Uberlândia. A escolha desse tema surge a partir da motivação de um ex-ocupante, que vivenciou aquele período e posteriormente ingressou no Curso de Graduação em História, reconhecendo a importância do cuidado sobre a memória, a construção do conhecimento histórico e o reconhecimento enquanto sujeito histórico daquele período, que foi muito importante para a história da cidade e do país. Essa pesquisa vem sendo construída progressivamente por meio da leitura de artigos e em especial durante o processo de meu projeto de iniciação científica voluntária¹. O valor sobre esse tema cresce ainda mais na conjuntura atual de 2021, devido à pandemia de Covid-19 e à vivência das consequências do corte de gastos impostos naquele período de 2016 pelo governo do então presidente Michel Temer, que havia chegado ao poder após um golpe orquestrado sobre a ex-presidente Dilma Rousseff.

Os cortes de gastos trazem uma experiência bastante negativa nos investimentos do Ministério da Educação, que necessitará de recursos para realizar a aplicação e ampliação da Reforma do Ensino Médio, também proposta pelo governo do ex-presidente e que atualmente está entrando em vigor em todo Brasil como novo modelo de ensino.

Essa pesquisa vem após seis anos da experiência ocorrida das ocupações e da experiência de todos os sujeitos históricos que passaram por elas e atualmente estão experienciando aquilo contra o qual lutaram. Ela também vem como uma crítica ao conservadorismo e à maneira pretensiosa de negar as pautas e a mobilização dos movimentos sociais, a criação de um palco para a ascensão da extrema direita ao poder. Mas, além desse cenário negativo, há um valor muito importante no que foi vivenciado por aqueles jovens e pela cidade, sentidos e experiências que construíram sujeitos fortes e com uma consciência crítica que faz desse episódio necessário em todas as escolas: lembrar e discutir o que foi colocado em pauta por esses estudantes.

¹Projeto de Iniciação Científica Voluntária – PIVIC, com o título “As ocupações secundaristas de 2016 em Uberlândia – MG”, sob a orientação da Profa. Dra. Regina Ilka Vieira Vasconcelos. Registrado na Diretoria de Pesquisa Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação da Universidade Federal de Uberlândia: DIRPE/PIVIC Nº 295/2021.

Como apontou a entrevistada Karine, esse momento traz pontos essenciais para a formação e a ampliação da visão de mundo dos estudantes, do reconhecimento deles enquanto sujeitos históricos, sujeitos de ação e pessoas essenciais para o funcionamento de uma escola, para o engajamento da comunidade escolar em sua realidade.

[Karine]: Olha, em dois mil e dezesseis as ocupações pelo secundaristas, surgiram como uma maneira de tentar reter o que a gente está vivendo hoje ou parte do que a gente está vivendo hoje então... Eu acredito que tenhamos que ser lembrados, que fizeram parte desse movimento como pessoas que tentaram fazer com que muito do que a gente tá vendo hoje de negativo no nosso país não acontecesse, nós tentamos da maneira como nós pudemos e nós lutamos bravamente pra que essas coisas elas não acontecessem, né? E aí, agora, a gente vê o reflexo do congelamento de gastos, agora a gente vê o reflexo do ... Começa a ver, né, o reflexo da reforma do ensino médio. E, enfim, a gente só tá vivendo consequência que começou em 2016, que a gente tentou barrar e não conseguiu. A gente teve consequência disso. As coisas elas estão piorando.

[Karine]: Assim... O movimento das ocupações mudou a minha vida de uma maneira muito significativa. E existem coisas que eu aprendi naquela época que reverberam em mim até hoje. Não só que eu aprendi, parece que eu fui mesmo... eu acredito que foi um transformador social mesmo. E eu sempre acabo voltando revisitando, assim, na memória mesmo, na fala, esse período da minha vida. Porque eu tinha dezesseis anos e muita coisa pra mim e minha visão de sociedade, ela mudou, minha visão de mundo, ela mudou... E poder fazer parte de algo como esse me mudou. Então, assim, existem mudanças que eu jamais vou conseguir listar, eu jamais vou conseguir expressar, mas elas existem.

É muito difícil conseguir resumir esse momento em palavras, e meu recorte não será suficiente para contemplar toda a experiência, mas a experiência e a ação de potencializar o que vivenciado naquele momento é o que busco compreender. A partir de meu processo de estudo e pesquisa, com a leitura de artigos, com a participação em palestras, com o projeto de minha iniciação científica, esta análise contempla dimensões diferentes desse objeto de pesquisa, enriquecendo minha atuação enquanto pesquisador.

Ao longo da minha formação enquanto graduando, sofri diversas mudanças na maneira de me colocar enquanto pesquisador e construir o conhecimento histórico, lidar com a história de uma maneira ética e sem tendência positivista. Confesso que esta nova pesquisa vem com recortes, posturas e perspectivas muito diferentes das que já trabalhei até aqui, até pela maturidade enquanto pesquisador. O caminho para finalizar esse ciclo da graduação foi cheio de percalços, dificuldades e situações que me moldaram. É inevitável o sentimento de impotência sobre pontos que vão surgindo em relação a esse tema, a maneira como a cidade reagiu e os discursos de ódio sobre os estudantes. Felizmente, o otimismo da vontade em

aprofundar sobre esse momento e com a potência dos estudantes que vem para tranquilizar e instigar minha atuação, identificando como eles conseguiram construir um movimento tão rápido e tão potente em significados, o exercício de resgatar e preservar essa memória torna-se gratificante.

Havia uma enorme gama de possibilidades para a pesquisa, mas, devido ao tempo limitado e ao contexto de pandemia, fui colocado em uma situação de muita pressa comigo mesmo em conseguir organizar todo o material e todas as tarefas. E, assim, em diálogo com minha orientadora, procuramos organizar o trabalho de uma maneira objetiva, sem fugir do que havia sido delimitado anteriormente no projeto de pesquisa.

Para o desenvolvimento da metodologia utilizada nesta pesquisa, foram trazidos diversos autores que me auxiliaram na tentativa de compreender as noções sobre jovem e juventude, e sobre a história oral para a produção da fonte principal da pesquisa.

Como método de análise na pesquisa decidi pelo método do materialismo histórico dialético, olhando para esse período, não ignorando o todo; essa postura ocorre devido o objeto de análise necessitar de uma análise que coloque todos os fatores sociais, econômicos, políticos e conjunturais. Ao longo da pesquisa, pude amadurecer ainda mais meu processo de análise, entendendo o que é a história e o procedimento histórico, e, com ajuda do historiador britânico E. P. Thompson, pude compreender seu papel².

Ressalto que a compreensão desse fenômeno é bastante delicada, pois, dentro desse evento, havia jovens, perspectivas ideológicas e interesses envolvidos, ações que vão compondo este cenário. Para isso, procuro fazer um recorte bem específico, observando o protagonismo e o antagonismo dos jovens que iniciaram esse movimento, entendendo que a reação de outros sujeitos, que envolviam a cidade, as famílias e a oposição, vieram em decorrência do grito ecoado pelos secundaristas.

² Vemos, de E. P. Thompson, no capítulo “Intervalo, a lógica histórica”, do livro *A miséria da teoria*: “A história não é uma fábrica para a manufatura da Grande Teoria, como um Concorde do ar global; também não é uma linha de montagem para a produção em série de pequenas teorias. Tampouco é uma gigantesca estação experimental na qual as teorias de manufatura estrangeira possam ser ‘aplicadas’, ‘testadas’ e ‘confirmadas’. Esta não é absolutamente sua função. Seu objetivo é reconstituir, ‘explicar’ e ‘compreender’, seu objeto: história real. As teorias que os historiadores apresentam são dirigidas a esse objetivo, dentro dos termos da lógica histórica, e não há cirurgia que possa transplantar teorias estrangeiras, como órgãos inalterados, para outras lógicas estáticas, conceptuais, ou vice-versa”. (THOMPSON, 1981, p. 57).

E, ainda: “Nosso objetivo é o conhecimento histórico; nossas hipóteses são apresentadas para explicar tal formação social particular no passado, tal sequência particular de causação. Nosso conhecimento não fica (esperamos) por isto aprisionado nesse passado. Ele nos ajuda a conhecer quem somos, porque estamos aqui, que possibilidades humanas se manifestam, e tudo quanto podemos saber sobre a lógica e as formas de processo social”. (THOMPSON, 1981, p. 57 - 58).

A contradição das relações sociais e a criação da consciência dentro dessa rede de conflitos serão pistas que irei percorrer dentro pesquisa. É importante ressaltar que, para o desenvolvimento do método de análise, defini colocar duas narrativas históricas que ocorreram em 2016 em contraste, para conseguir identificar suas nuances, semelhanças e contradições.

O trabalho com história oral ajudou ainda mais em conseguir reconhecer quais eram as perspectivas e as experiências daquele período. A análise dos relatos orais foi baseada no roteiro para as entrevistas, sendo dividido em três blocos de perguntas. O primeiro bloco de perguntas foi referente à trajetória estudantil; o segundo sendo a participação dos estudantes no movimento das ocupações; e o terceiro, a visão dos estudantes sobre o movimento e a conjuntura de 2016 em comparação com a de 2020-2021.

Por ter se configurado como um momento de bastante efervescência, há uma produção muito grande por parte da imprensa, apresentando o movimento de maneira negativa. Por isso, tomei a decisão de incluir algumas reportagens de dois canais de comunicação da cidade de Uberlândia. A análise se desenvolveu com um diagnóstico das narrativas e dos sujeitos que participaram das reportagens, em sua maioria alunos ou famílias contrárias ao movimento. A partir daí, foi necessário colocar em contraste com o que foi dito pelos estudantes do movimento nos relatos que produziram durante as entrevistas para esta pesquisa. Ao processo de análise, foi acrescentado um livro escrito pelo promotor da Vara de Infância e Juventude de Uberlândia sobre o movimento das ocupações secundaristas na cidade, e, com esse material, me dediquei a observar a descrição de suas ações enquanto representante do Ministério Público, que apresentaram perspectiva contrastante com os relatos dos estudantes.

Para alcançar a experiência das ocupações secundaristas em Uberlândia, é necessário, antes, fazer uma análise geral do momento em que ela apareceu, principalmente dos contextos anteriores a ela. Os fatos não surgem de forma espontânea, são forjados a partir das relações sociais e de todo contexto político, econômico, cultural e de interesses dos grupos que estão inseridos naquela determinada sociedade, naquele determinado espaço e determinado tempo. O Brasil estava passando por um recrudescimento político, econômico e social, estava fazendo doze anos que o Partido dos Trabalhadores estava no comando do executivo, passando por uma eleição apertada, contrariando intensamente os setores conservadores e a burguesia do país.

Todo esse cenário advinha de um evento que marcou a história do país, deixando marcas até os dias atuais, mas que surgia como uma reivindicação específica e acabou se tornando um “tsunami” no contexto político do Brasil: as Jornadas de Junho de 2013. Esse evento ocorreu devido ao aumento das passagens de ônibus municipais e do metrô em São Paulo (Capital), gerando revolta e muita mobilização dos estudantes. Em resposta a isso, houve uma pesada

repressão por parte do governo estadual de São Paulo. Tais ações repercutiram bastante na mídia, gerando ainda mais manifestações por todo país, mesmo em um contexto em que a grande mídia apontava os manifestantes vândalos, tentavam amenizar as ações da polícia como necessárias devido aos intensos atos de vandalismo ao patrimônio privado.

Como dito pelo professor Mauro Petersen Domingues, do departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal do Espírito Santo, foram os estudantes quem puxaram as primeiras manifestações em resposta ao aumento da tarifa de ônibus, visto que isso afetaria diretamente a eles, não só no deslocamento pela cidade, mas também ao acesso às escolas em que estudavam:

Embora tenham ocorrido manifestações em todo o país e ao longo de meses naquele ano de 2013, o epicentro das foi mesmo a cidade de São Paulo durante o mês de junho. O motivo formal das primeiras manifestações de junho em São Paulo foi o aumento das passagens dos ônibus municipais e do metrô de R\$ 3,00 para R\$ 3,20, os tais 20 centavos. Tal aumento, fortemente contestado por movimentos sociais da cidade, foi mal recebido principalmente pelos estudantes que resolveram puxar uma primeira manifestação no dia 06 de junho, e que se repetiu no dia seguinte, sofrendo, em ambas as ocasiões, forte repressão por parte da Polícia Militar do Estado de São Paulo. A repressão policial recebeu apoio inicial da grande mídia, que acusava os manifestantes de vandalismo. No entanto, aos olhos da população as manifestações começaram a atrair apoio e, especialmente, a repressão policial causou indignação. Uma nova manifestação, já no dia 11 de junho atraiu grande número de participantes, muito além dos estudantes, começando a ganhar ares de movimento de massa e ampliando sua motivação, que deixava de ser “apenas” contra o aumento da passagem e se voltava para a afirmação do direito à manifestação, contra o autoritarismo e a repressão policial. (DOMINGUES, 2021).

O ano de 2013 foi muito importante para o país, pois trazia de volta um intenso debate popular sobre o direito de se manifestar diante das ações do estado, ao mesmo tempo que criava uma esperança nas mudanças sociais e políticas pelo país. Os protagonistas desta revolta são os jovens, sua indignação e mobilização foram marcantes para esse momento, em conjunto com a sensibilidade causada sobre a população brasileira. A pauta principal foi atendida pelos governos estaduais e municipais, sendo uma grande vitória para os estudantes e os jovens da cidade.³ Não foi apenas uma vitória para os jovens da cidade de São Paulo, mas para todos os jovens do país, o acesso ao debate político e o reconhecimento enquanto cidadão, começou a ser semeado, não se encerrando ali. Como dito por Maria Vitória Rodrigues, em um artigo para

³ HADDAD anuncia Passe Livre para estudantes de São Paulo. *Terra*, [S. l.], p. 1-1, 26 dez. 2014. Disponível em: <https://www.terra.com.br/noticias/brasil/cidades/haddad-anuncia-passe-livre-para-estudantes-de-sao-paulo,5a4ef68e5388a410VgnVCM4000009bcecb0aRCRD.html>. Acesso em: 10 fev. 2022.

o Centro de Política Comparada da Universidade Federal do Espírito Santo, as Jornadas de Junho representaram um papel importante para formação da consciência política dos jovens:

Na minha vida pessoal, os protestos me fizeram ter a certeza de que eu queria estudar e viver política, que desde sempre foi a minha praia. Em 2014, aos 16 anos, estava pronta para votar pela 1ª vez. Em 2015, prestei vestibular para Ciências Sociais, muito motivada por estas experiências. Em 2016, assisti incrédula de dentro da universidade o impeachment da então presidenta Dilma Rousseff, a mesma que havia recebido meu primeiro voto. Em 2018, já não estava tão incrédula quando o atual presidente Jair Bolsonaro conquistava seu espaço no Palácio do Planalto. (RODRIGUES, 2021).

Obviamente não havia apenas a juventude inserida nesse momento, é sabido que esse evento surgiu como uma reivindicação popular, mas que por falta de uma unidade na liderança dos movimentos que iam surgindo ali, acabou sendo cooptado por outras organizações, criando um cenário perigoso para o futuro do país, gerando instabilidade política. Surgirão, deste contexto, diversos movimentos políticos, um deles será conhecido como Movimento Brasil Livre (MBL), com intuito de pregar o liberalismo e o conservadorismo, enfrentado a esquerda brasileira. Esse movimento terá uma participação considerável na cidade de Uberlândia, antes⁴ e durante as ocupações⁵.

O Brasil de 2016 estava inserido em um contexto de extremo conflito político e de interesses, havia sido posto um movimento de ofensiva contra a então presidente Dilma Rousseff, envolvendo partidos que integravam um grupo conhecido como “centrão” e principalmente o PMDB, partido do seu vice-presidente (COSTA; BEZERRA, 2019). Havia também a “cruzada” contra o Partido dos Trabalhadores (PT). A democracia estava em contraposição aos interesses da burguesia, do agronegócio e da classe média, que se apegava a um discurso de reforma política no Brasil e de crise financeira que gerava adesão de parcela da população em relação à possibilidade de um *impeachment*. Porém, os setores populares não participaram do movimento de defesa da cassação do mandato da presidente.

⁴ Eventos foram organizados na cidade e noticiados por setores da imprensa. Ver: ALEIXO, Caroline. Manifestantes pedem impeachment de Dilma em Uberlândia. *G1 Triângulo Mineiro*, 13 dez. 2015. Disponível em: <https://g1.globo.com/minas-gerais/triangulo-mineiro/noticia/2015/12/manifestantes-protestam-favor-de-impeachment-de-dilma-em-uberlandia.html>. Acesso em: 10 fev. 2022. Ou ver: BRASIL, Felipe Moura. Vídeo: Kim Kataguiiri detona petista em Câmara de MG. *Veja*, 13 maio 2015. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/coluna/felipe-moura-brasil/video-kim-kataguiiri-detona-petista-em-camara-de-mg/>. Acesso em: 10 fev. 2022.

⁵ Ver: ROSSI, Marina. MBL monta contraofensiva para desocupar escolas no Paraná. *El País*, Curitiba, 31 out. 2016. Seção Brasil. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2016/10/29/politica/1477698231_566717.html. Acesso em: 10 fev. 2022.

Setores da imprensa se mobilizaram para apresentar uma versão dos fatos contrária ao Partido dos Trabalhadores e à presidente Dilma Rousseff, com o objetivo de criar uma legitimidade em relação a esse processo.

Naquele período, alguns setores de esquerda e o Partido dos Trabalhadores acusavam os grupos *pró-impeachment* de estarem articulando um golpe contra a presidente Dilma Rousseff, o que realmente aconteceu. Alguns anos depois, essa tese foi confirmada pelo ex-presidente Michel Temer e outros políticos que participaram do processo, que vinha, segundo setores liberais e da burguesia, para implementar reformas necessárias e amargas para o Brasil.

As reformas elaboradas pelo governo da gestão Temer tinham a característica de favorecer a burguesia, o agronegócio e os investidores do mercado financeiro, cortando recursos da educação sob o pretexto de buscar uma solução para o problema da dívida interna. Implementou uma dura reforma trabalhista, favorecendo os empregadores cortando direitos dos trabalhadores e retirando a proteção do estado sobre eles.

Ainda nessas reformas, havia a mobilização em torno de uma reforma no Ensino Médio, trazendo a educação para uma nova estrutura, focada no trabalho e no caráter técnico, tendo foco no ensino de matemática, inglês e português, abolindo a obrigatoriedade de disciplinas das ciências humanas e estabelecendo a possibilidade de pessoas com qualquer formação superior ministrarem aulas nas escolas.

Estava muito presente nesse período o discurso que o Brasil precisava de uma reforma econômica, com argumento de que o país era como uma família que tem gastos e necessita ter controle de suas despesas. Este era o discurso utilizado pela gestão Temer e seus apoiadores, e que carrega contradições, pelo foco dos cortes de gastos, pelo perfil dos setores que seriam atingidos, pela natureza do impacto dessa reforma, além do fato de que certos grupos dentro das despesas do estado ficariam isentos de reforma.

No período de 2014 a 2016, houve uma mobilização de um grupo de que se manifestava contrário aos métodos de ensino nas escolas públicas e acusava os professores de doutrinação política das crianças e dos jovens. Tal grupo teve apoio de alguns movimentos como o Movimento Brasil Livre (MBL), de alguns parlamentares, e fez tramitar um projeto de lei no Congresso Nacional, que ficaria conhecido como a Lei da Mordaça (PL7180/14). A proposta desse movimento era acabar com a livre expressão dos professores, incentivando os alunos e os pais a vigiarem quaisquer falas políticas dos professores.

O período de 2015 e 2016 foi recheado de mobilizações políticas, como a do movimento *pró-impeachment*. Por outro lado, houve uma forte mobilização por parte dos estudantes que

seriam afetados pela reforma do Ensino Médio e pela tentativa da implementação da Lei da Mordaza (PL7180/14).

Em 2016, ocorreram diversas ocupações de escolas secundaristas por estudantes em São Paulo, sendo o berço desse símbolo que se tornou ocupar a escola como forma de protesto. A motivação para as ocupações de escolas em São Paulo se deu pelo fato de, em 2015, o governo estadual determinar a reorganização de escolas de Ensino Médio no estado, com a transferência de mais de 300 mil alunos de suas escolas, o fechamento de 92 unidades escolares e a separação das etapas de ensino (Ensino Fundamental e Ensino Médio) em unidades diferentes. Diante dessa situação, jovens de duzentas escolas se mobilizaram para resistir à implementação dessas medidas. A partir de assembleias estudantis, decidiram-se pela ocupação do espaço escolar, com o objetivo de despertar a atenção da comunidade e do poder público para debater a situação. Devido à intensa pressão e ao impacto do movimento, suas demandas foram atendidas e os estudantes saíram vitoriosos, mas com marcas da atuação policial e da repressão do estado.

Em 2016, com as mudanças no contexto político, outros jovens no país, estando inseridos nesse momento e observando essa forma de manifestação que havia ocorrido em São Paulo, começaram a se organizar, como estudantes de diversas escolas públicas no Paraná e também em São Paulo. É interessante apontar que esse movimento surge de forma espontânea, com método de ação baseado possivelmente na cartilha feita em 2015 pelo movimento “O Mal Educado”. Muitos coletivos auxiliaram durante as ocupações, com apoio jurídico, mantimentos e na organização, mas é essencial lembrar que o movimento foi organizado e liderado pelos próprios estudantes.

Portanto, no processo pesquisa buscou-se investigar diversas publicações que destacavam elementos que afirmavam o protagonismo, a inovação e a força das ocupações. Ao longo das leituras com alguns materiais que traziam a referência do coletivo a pesquisadora deparou-se com o (con)texto de “O Mal Educado”, que demandou uma análise desse coletivo e sua relação com as ocupações. Este coletivo de estudantes já vinha se organizando e traduziu um manual argentino chamado “Como Ocupar uma Escola”. Esse documento foi elaborado pela seção Argentina da “Frente Estudiantes Libertários”, inspirado na luta dos estudantes chilenos. É um documento de oito páginas, que dentre as orientações aponta as formas de organização, atividades a serem propostas, assembleias como forma de deliberações e outras. O coletivo elaborou então, uma cartilha impressa e também disponível na versão digital e passou a distribuí-la em São Paulo naquele momento, ou seja, durante o contexto de anúncio do fechamento das escolas, a saber: “1. Coordenar as ações dos estudantes; 2. Não confiar nas entidades estudantis; 3. Ocupar escolas; 4. Só os estudantes podem derrotar o governo” (CAMPOS et al., 2016, p. 58 apud COSTA; BEZERRA, p.114).

A ocupação trouxe também a necessidade de entender os conceitos de jovem e de juventude, suas noções e sua importância na construção do ser humano, no ensino e aprendizagem. É perceptível, na relação da imprensa, algumas famílias e órgãos do estado, em reconhecer uma abordagem desses sujeitos como seres sem consciência, que precisam de limite, pois podem causar danos se não forem contidos. As ocupações trouxeram para o debate justamente essa contradição do entendimento hegemônico do que é ser jovem, do que é juventude, em contraste com a ação dos estudantes, jovens, de uma juventude que gritava e reivindicava seu espaço nessa sociedade.

E, quando menciono que essas perspectivas se dão em contraste, tornando perceptíveis as contradições sobre a juventude e a educação para os jovens, levo em consideração práticas e discursos, como vemos expressados em um material normativo do Conselho Nacional de Educação: as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio de 2011-2012, anteriores à reforma do Ensino Médio. Destaco, aqui, um trecho do Parecer CNE/CEB n. 5/2011:

A identidade juvenil é determinada para além de uma idade biológica ou psicológica, mas situa-se em processo de contínua transformação individual e coletiva, a partir do que se reconhece que o sujeito do Ensino Médio é constituído e constituinte da ordem social, ao mesmo tempo em que, como demonstram os comportamentos juvenis, preservam autonomia relativa quanto a essa ordem. (BRASIL, 2011, p. 14).

A dúvida que fica é: por que tanto medo das juventudes? Por que tanto medo das mudanças que os jovens estão passando e causando na sociedade? O entendimento de haver várias juventudes enquanto conceito em movimento, como aponta Dayrell e Carrano, possibilita um olhar mais atento à atuação com a juventude, no contato com suas demandas e com a diversidade de identidades. Para Juarez Dayrell, a juventude é:

parte de um processo mais amplo de constituição de sujeitos, mas que tem especificidades que marcam a vida de cada um. A juventude constitui um momento determinado, mas não se reduz a uma passagem; ela assume uma importância em si mesma. Todo esse processo é influenciado pelo meio social concreto no qual se desenvolve e pela qualidade das trocas que este proporciona. (DAYRELL, 2003, apud BRASIL, 2011, p. 14).

No processo de construção do ser humano na juventude, existe uma vida de mão dupla, pois o jovem influencia a sociedade, como ela também o influencia. Com o processo de ocupações das escolas pelos estudantes secundaristas, em diferentes ocasiões a juventude foi

retratada de maneira pejorativa e negativa, como parte de uma manobra política, ignorando-se completamente seu protagonismo, sua diversidade e suas reivindicações. Temos, então, um problema na maneira com que a sociedade enxerga as juventudes. Essa mesma juventude também sustenta a economia nacional, porque alguns jovens fazem parte da classe trabalhadora, compõem importantes setores da sociedade. O jovem é humano, tem consciência; porque ainda há esse tratamento?

Vejo na TV o que eles falam sobre o jovem não é sério O jovem no Brasil nunca é levado a sério [...] Sempre quis falar, nunca tive chance... Tudo que eu queria estava fora do meu alcance [...] (NÃO..., 2000).

Os jovens estão atentos e participativos, procurando se integrar mais na sociedade enquanto cidadãos e sujeitos de ação. Importa perceber que, mesmo estando historicamente nessa posição de constante deslegitimação enquanto ser de consciência e atividade, os jovens, que fazem parte da diversidade das juventudes, procuraram se inserir em pautas que exigiam mudanças, se mobilizar contra situações de desigualdade e necessidade de criticar, criticar e continuar criticando, com postura firme e assertiva, curiosa e aberta ao diálogo. É necessário mudar a concepção hegemônica sobre a juventude, na linha do que problematizam Dayrell e Carrano (2014):

Podemos afirmar que a juventude é uma categoria socialmente produzida. Temos que levar em conta que as representações sobre a juventude, os sentidos que se atribuem a essa fase da vida, a posição social dos jovens e o tratamento que lhes é dado pela sociedade ganham contornos particulares em contextos históricos, sociais e culturais distintos. A pesquisa antropológica é rica em exemplos que demonstram que as etapas biológicas da vida são elaboradas simbolicamente com rituais que definem fronteiras entre idades que são específicas de cada grupo social.” (DAYRELL; CARRANO, 2014, p.110).

Mais, uma vez, cito as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio de 2011-2012, como demonstração de que, mesmo nos espaços institucionais, é possível perceber contradições no movimento de desvalorização e desvalorização da juventude:

O Brasil vive hoje um novo ciclo de desenvolvimento calcado na distribuição de renda que visa à inclusão de um grande contingente de pessoas no mercado consumidor. A sustentação desse ciclo e o estabelecimento de novos patamares de desenvolvimento requerem um aporte de trabalhadores qualificados em todos os níveis, o que implica na reestruturação da escola com vistas à introdução de novos conteúdos e de novas metodologias de ensino capazes de promover a oferta de uma formação integral. Os jovens, atentos

aos destinos do País, percebem essas modificações e criam novas expectativas em relação às possibilidades de inserção no mundo do trabalho e em relação ao papel da escola nos seus projetos de vida. (BRASIL, 2011, p. 14).

O plano de organização do trabalho foi elaborado de maneira que conseguisse contemplar a abrangência dos envolvidos nesse processo histórico e foi inspirada a partir do roteiro de entrevistas com os estudantes que participaram das ocupações. E a monografia se organizou em dois capítulos. O primeiro capítulo é referente ao protagonismo dos estudantes do movimento de ocupações em Uberlândia, com dois itens: apresentando a organização das ocupações; e identificando quem eram os sujeitos que participaram dela. O segundo capítulo tem como foco olhar para a cidade de Uberlândia, também com dois itens que analisam a imprensa e os sujeitos contrários ao movimento.

CAPÍTULO 1

As ocupações e o movimento organizado pelos estudantes

1.1 A organização das ocupações

Por que as ocupações aconteceram? O que antecedeu?

[Ana Terra]: Lembro. Eu lembro que quando... Uma semana mais ou menos antes da gente ocupar a escola, de fato a gente fez uma manifestação na prefeitura de Uberlândia, onde a gente ocupou a Câmara de fato. A gente entrou lá, passou pelos seguranças... E a gente um falou algumas coisas lá. Todo mundo... Eu lembro que no dia, inclusive, eu falava e as pessoas repetiam, falando isso: que a gente ia tá presente na política, que a gente não ia deixar eles fazerem o que eles estavam fazendo... E aí, logo depois que a gente teve essa manifestação, começaram a surgir as primeiras notícias das escolas sendo ocupadas, principalmente em São Paulo.

Havia uma potente insatisfação e vontade de falar por parte dos estudantes. A resposta vinda do poder público causou ainda mais indignação, pois soava como se os vereadores, representantes do Estado, não acreditassem na juventude e na visão de mundo deles. Diferente do contexto de ocupação em outros estados, Uberlândia se destacou pela conjuntura política aqui ser bastante intensa, com sucessivos acontecimentos. É importante ressaltar que os professores e alunos estavam em sintonia, principalmente a comunidade escolar da Escola Estadual Professor José Ignácio de Sousa, como aponta a estudante Ana Cristina:

[Ana Cristina]: E aí, nesse último protesto que aconteceu em outubro, ele foi bem tenso, não deixaram a gente falar muito. A gente foi lá com a intenção de falar e... E tava acontecendo alguma coisa ali na Câmara... E a gente falou, e não deixaram a gente falar tudo que tinha pra falar. E, aí, um dos vereadores falou uma coisa assim, horrorosa, sobre os alunos que tavam lá, e foi uma revolta geral. A gente entrou lá dentro do plenário, eles encerraram a sessão e os alunos todos sentaram lá nas cadeiras deles. Foi assim. Foi a coisa mais linda. E depois disso, os alunos... Algum grupo pequeno de alunos, com essa ideia... Na verdade, a ideia não foi bem do grupo de alunos, mas veio um grupo com essa ideia, e aí a gente começou. Estava acontecendo um movimento do secundaristas em São Paulo, né? E a gente veio com essa ideia de trazer isso pra Uberlândia, pra nossa escola. E a gente perguntou: - Nossa, e se...? Porque, aquele dia, não ouviram a gente! Mas e se a gente fizesse isso? Será que não

ia acontecer nada, que não ia ouvir também? Será que se a gente fizesse isso não ia ter uma oportunidade da gente falar mesmo? A gente ia chamar atenção e ia poder falar. Surgiu assim, nesse contexto de todo mundo com muita raiva de não ter podido falar e muito assim insatisfeito, indignadíssimo com as coisas que a PEC que estava lá tramitando e com as leis novas do governo pras escolas... Aí veio essa ideia por causa do secundaristas de São Paulo.

No relato feito pela estudante Ana Terra, são colocados alguns pontos importantes da conjuntura anterior às ocupações, em especial da manifestação que ocorreu na Câmara de Vereadores da cidade, algumas semanas antes da ocupação. Esse momento muito marcante, pela ação realizada quase integralmente pelos jovens estudantes, com apoio e incentivo dos professores, alguns até presentes durante o ato, principalmente pela iniciativa de falar para todos os vereadores e cidadãos ali presentes.

O termo “ocupação” começa a ganhar sentido aí. Há o entendimento de que é necessário ocupar primeiramente a “casa do povo”, lugar de construção das leis e dos direitos, uma célebre interpretação dos jovens sobre como funciona a democracia e a cidadania dentro de uma nação.

[Pietra]: Já tinha acontecido, se não me engano, em duas ou três escolas, mas a gente já começou a se comunicar e tentar se reunir, e foi muito rápido o que aconteceu, muito, muito, muito rápido! E porque era uma situação que exigia isso também, né? Então, eu já me reuni com o pessoal da tarde, eu e Giovana, a gente vai estudar, e aí a gente já começou a pensar sobre a organização, como poderia ser a organização, e aí a gente começou a estudar sobre outras escolas, né, que são essas formas de organizar uma escola em alguns setores. E alguns poucos dias depois, a gente ocupa de manhã bem de manhã assim... Ah, não, antes... Antes a gente fez uma reunião, pras pessoas... E, enfim, a gente fez uma votação sobre a ocupação. E aí a gente foi lá, desceu todo mundo. E aí, descendo todo mundo, a gente fez essa votação, e então, depois dessa votação, no dia seguinte a gente ocupou. Inclusive, as pessoas que estavam nessa decisão nos ajudaram a organizar. Então as pessoas estavam cientes que no dia seguinte a escola seria ocupada...

Antes de adentrar a organização das ocupações nas próprias escolas, é necessário trazer como ocorreu essa manifestação na Câmara de Vereadores e também como se deu o início da organização dos estudantes na primeira escola ocupada de maneira completamente autônoma, e como isso incentivou estudantes de outras escolas a se juntarem ao movimento.

Após o relato da estudante Pietra, podemos compreender que os eventos após a ocupação da Câmara e o início do movimento de ocupação nas escolas em Uberlândia começam bastante interligados e dinâmicos, não necessitando de uma relação direta entre os estudantes de uma escola e de outra. Mas, a partir da autonomia das lideranças e dos grupos formados em cada escola, observando o processo em Uberlândia, houve o desenvolvimento de uma

potencialidade e de um aprendizado para se disseminar a forma de ocupação para outras escolas. E também pelo fato de as escolas mais centrais e conhecidas da cidade serem as primeiras a serem ocupadas, aumentando ainda mais o contato de todos os estudantes da cidade com o movimento.

E de que maneira as ocupações foram se organizando?

[Karine]: Chegamos, aproximadamente, seis da manhã, tava escuro ainda. Eu lembro disso. E a gente tava com medo pra caramba, de, tipo, sofrer... sei lá... de sofrer uma repressão mesmo, de falar “não, vocês não vão ocupar” e de ter um confronto, seja ele qual for. A gente pensou até que poderia rolar algo físico, que não aconteceu, mas poderia, a gente tava preparado. Ai, chegamos nós, na porta da escola, já tinha funcionário que chegavam mais cedo, funcionários da limpeza, da merenda. Chegamos e falamos: “– Olha, a gente tá ocupando a escola, você precisa entregar as chaves pra gente, e agora é a gente que vai tomar a frente daqui pra frente”. Foi essa fala mais ou menos. Os funcionários, eles também já estavam cientes do que estava acontecendo, porque, de novo, era uma movimentação alguns dias: a gente tava falando sobre, a gente fez a reunião, a gente passou de sala em sala, então todo mundo envolvido, tanto da escola tanto da comunidade, já tinha noção do que iria acontecer. Então, a gente chegou... Eu, particularmente, tava tremendo, né. Nesse momento, eu lembro que o Alisson – eu lembro mais na figura do Alisson, eram outras pessoas também ali –, eu lembro que o Alisson, a gente meio que foi na frente assim pra falar [...], a gente tava muito nervoso [...]. Aí, depois, chegou a direção. [...] Enfim, tava perto dos alunos chegarem também. Era uma hora, mais ou menos... E aí a gente pensou: “– Entramos na escola”. Aí entrou um grupo maior. Conforme foi passando esse horário da seis horas, deu certo, a gente já ia mandando no *WhatsApp*: “– Oh, deu certo, quem puder vir agora, vem, porque sete horas os alunos vão começar a entrar e tem que estar com a escola pronta pra receber eles e falar que ocupamos a escola”. Ai... [risos].

A escola da Karine era a Escola Estadual Neuza Rezende, uma escola de periferia, completamente distante do contato direto com os estudantes das escolas centrais. Lá, os estudantes perceberam o cenário na cidade e no país e se organizaram de forma autônoma, característica que estava despontando em cada escola: os estudantes mostravam que não havia uma liderança nesse movimento no primeiro momento das ocupações, mas sentiam a necessidade de levar o debate para sua escola e se integrar no movimento a partir da sua realidade, da sua comunidade e da sua própria maneira. Assim, o movimento era composto por uma unidade de escolas com visões, ações e perspectivas diferentes.

[Karine]: Eu acho que como todo mundo do mesmo tipo tava assim, não era uma bagunça, mas era algo novo, tava todo mundo conversando ao mesmo tempo, todo mundo eufórico, tava todo mundo querendo saber o que tava acontecendo. Quem não tava por dentro, não tava engajado ou queria entender mais ou queria falar contra. Tinha uma galera que queria falar contra. E aí

chegou o momento que a gente conversou, conseguiu reunir o pessoal na cantina... Era uma cantina pátio, não era um lugar específico pra isso, a gente lanchava lá, mas era um lugar ao ar livre, só que era pátio e tinha mesa. E aí chegou o momento que a gente falou... Tinha muita gente que achava que era obrigado a ficar lá até dar o horário de ir embora pra casa, e a gente falou: “– Vocês são livres pra ir embora, vocês não são obrigados a ficar na escola, quem quiser contribuir continua”. E a gente ficou os nossos grupos, e a gente aproveitou o momento, porque esse primeiro dia foi muito importante pra trazer pessoas pra ajudar nos dias seguintes, porque, como era um dia, entre aspas, normal de aula, todo mundo, a maioria, ninguém esperava o que iria acontecer, sabia que ia acontecer a ocupação e iria pra escola como um dia normal, então foi mais gente nesse primeiro dia.

Na ocupação da Escola Estadual Messias Pedreiro, a maneira de os estudantes se organizarem aparece muito forte como característica bastante visível: eles procuraram utilizar o espaço da escola de uma maneira adaptada à sua realidade e também na forma de se relacionarem, mas, principalmente, havia o entendimento comum, a partir da organização do movimento na forma de assembleia estudantil, de que a escola é um lugar de estudo, de preparo para a vida e de um espaço cultural também, como aponta D.C.P:

[D.C.P]: É... E, assim por diante. Nessa primeira semana, a gente foi se organizando. E como a gente fez essa organização? Que foi bem diferente das outras escolas. Se eu não me engano, uns dois meses antes teve as olimpíadas, tanto no mundo, como a gente fez um evento de olimpíadas no Messias Pedreiro também. E, nesse evento de olimpíadas que a gente fez, esse evento grande, a gente separou: cada sala era um continente. Então, por exemplo: continente asiático era tal cor, bandeira por exemplo vermelha; continente europeu, parte da Europa, era azul; na América, verde. Cada região do mundo tinha um cor e era dividido por sala. Então, a gente pegou essa ideia no Messias Pedreiro, e: vamos separar em equipes. Pra gente conseguir manter a organização na escola, a gente precisa separar o que cada discente vai fazer. Tal equipe, por exemplo, vai ser a equipe de limpeza; eu, D., fazia parte da equipe de limpeza no Messias, que era azul, então a gente ficou com a bandeira que era azul, cada discente que era da equipe de limpeza tinha que ter essa bandeira amarrada ou na cabeça ou no braço ou na perna ou na roupa, pra identificar: “– Ah, eu tô precisando de uma pessoa da limpeza, então vem cá, me ajuda”. Vai identificar ali pela cor azul.

[D.C.P]: As ocupações começaram perto do ENEM. Além da preocupação da militância, a gente tinha uma preocupação com as aulas e com a prova: “– Tá, a gente tá aqui militante, reivindicando nossos direitos e tudo mais, mas a gente tá aqui pra estudar também, então vamos fazer aulão, aulão pra todos os estudantes”. A gente não teve separação entre séries: a sala vai ficar com terceiro ano. Não. A gente vai ocupar a quadra, vamos trazer professores, vamos pegar equipamentos tipo *Datashow*... [...] A gente também fazia educação física, a gente fazia alongamento, a gente fazia aula de yoga, a gente fazia aula de pintura. Então, para além da militância, desses “aulão”, a gente tinha esse momento de interação, confraternização, um momento realmente pra tranquilizar a cabeça, não ficar tanto pensando na militância e na preparação pro ENEM.

A autonomia dos estudantes de cada escola aparece muito forte não só no início das ocupações, mas também no final do movimento, quando as escolas estavam sendo “desocupadas”, como aponta o relato de Karine, vendo que havia uma dessintonia por parte das escolas centrais com o restante do movimento. Para ela, os estudantes se preocupavam mais com a opinião da direção do que o diálogo com o movimento como um todo.

[Karine]: E eu lembro de uma dessas reuniões sobre as ocupações, que falaram representantes das escolas de centro, sobre desocupar e sobre acordos que tinham sido feitos com a direção da escola deles. Eles tinham recebido uma proposta ou algum tipo de intimação pra desocupar. E aí falavam (isso é o que está na minha memória, então não sei... vou tentar organizar aqui direitinho), falaram em uma das escolas, não lembro se era no René Giannetti ou se era no Messias Pedreiro ou se eram as duas, acho que era o Messias ou o René... Não... Não sei qual das duas... [risos] Falaram que a direção tinha proposto um acordo para desocuparem, e, se desocupassem até tal dia, iriam ajudar com algo. Eu não lembro exatamente qual que era a proposta. Envolvia a direção, as vontades da direção, as quais eu acredito fortemente que muitas escolas de centro estavam submetidas.

Essa característica novamente nos mostra que a pauta central de oposição às medidas que o governo federal estava tentando implementar mantinha a união dentro do movimento, mas a organização enquanto um todo era marcada pela independência de cada escola, o que acabou desestabilizando o movimento no final, principalmente em relação às escolas de periferia. Isso traz para a análise a questão de como o diálogo entre os estudantes das diferentes escolas acontecia, e, também, como existiam diferentes perspectivas devido à localização de cada escola na cidade, influenciando diretamente nas decisões do movimento.

Quais eram os objetivos das ocupações das escolas em Uberlândia?

No Brasil, o movimento de ocupação das escolas pelos secundaristas se iniciou em São Paulo no ano de 2015, com a ocupação das escolas pelos estudantes secundaristas da capital e, posteriormente, outras cidades do estado, com o intuito de protestar contra a reorganização do ensino público pela gestão do governador Geraldo Alckmin. Os estudantes conseguiram vencer a repressão generalizada autorizada pelo governador e tiveram suas pautas atendidas, entre elas, a queda do secretário de educação da época.

Posteriormente, em 2016, com o *impeachment* da presidente Dilma Rousseff e a tomada do poder pelo vice-presidente Michel Temer com objetivo de instaurar reformas bastante severas sobre as contas públicas, mirando nas áreas essenciais para a população, em especial na educação, o corte de gastos veio em um momento em que os estudantes já estavam mobilizados

em São Paulo. Isso contribuiu para a disseminação da tática de ocupar as escolas como forma de protesto.

Junto a isso, os objetivos dos jovens compreendiam a reivindicação de mais investimentos em educação, que propiciassem uma melhora nas condições estruturais das escolas públicas, melhores condições para professores e estudantes.

De um modo geral, no país, os principais objetivos foram o impedimento da aprovação da Proposta de Emenda Constitucional nº 241 e nº 55 (PEC 241/2016 e PEC 55/2016)⁶, que visava o congelamento de gastos públicos para as áreas de saúde e educação; do Projeto de Lei nº 193 (PL 93), conhecido como “Escola Sem Partido”⁷; da reforma do Ensino Médio, que também estava sendo organizada na forma de Medida Provisória nº 746 (MP 746) naquele momento⁸.

Em diferentes estados e cidades as pautas foram incorporando pontos mais específicos por conta da realidade de cada escola.

Isso é importante porque mostra que as pautas principais eram gerais, mas a realidade escolar de cada estado, cidade e bairro é completamente diferente, até mesmo pela consciência de cada estudante.

⁶ PEC 241/2016 – PEC do Teto de Gastos Públicos: Proposta de Emenda à Constituição Federal, elaborada pelo Ministro da Fazenda, Henrique Meirelles, submetida ao Congresso Nacional pelo então Presidente Michel Temer em 2016, com objetivo de instituir um novo regime fiscal no país, o que popularmente é conhecido como congelamento de gastos. Um dos pontos mais polêmicos é a limitação das despesas e investimentos em saúde e educação por um período de vinte anos, com valores corrigidos pela inflação do ano anterior, sendo assim, os gastos não podem crescer mais que a inflação. Outras áreas que foram afetadas são: realização de concursos públicos, reajuste salarial dos servidores públicos, realização de contratações ou receber subsídios ou incentivos. (BLUME, 2021; BRASIL, 2016). No Senado Federal, a Proposta de Emenda Constitucional ganhou o número 55: PEC 55/2016.

⁷ Projeto “Escola sem Partido”: “...O projeto visa estabelecer regras para o professor sobre o que ele pode ou não falar dentro da sala de aula, para se “evitar” uma possível doutrinação ideológica e política. A ideia do programa existe desde 2004 e foi criado pela sociedade civil organizada, que tem como proposta colocar um cartaz na parede de toda sala de aula, deixando claro quais os deveres do professor. [...] Para se ter uma ideia, alguns desses deveres incluem “instruir” o professor a não demonstrar suas opiniões sobre qualquer que for o tema; não estimular os alunos a participarem de manifestações, atos públicos e passeatas e que a educação moral seja ensinada com base naquela que os pais dos alunos achem a mais correta. Contudo, tal projeto tem gerado críticas ao longo dos últimos tempos.” (ESCOLA..., s/d).

⁸ Reforma do Ensino Médio: “O novo modelo é fruto da Medida Provisória (MP) 746/2016, que foi convertida em lei (13.415/2017) em menos de seis meses. A lei alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB nº 9394/96) e estabeleceu uma mudança na estrutura do ensino médio. [...] A carga horária será dividida entre os componentes curriculares da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e os itinerários formativos, incluindo a formação técnica e profissional, voltados ao mercado de trabalho. [...] Antes da BNCC, as disciplinas listadas por lei como obrigatórias nos três anos do ensino médio eram português, matemática, artes, educação física, filosofia e sociologia. Agora, apenas as disciplinas de língua portuguesa e matemática são obrigatórias para os três anos do ensino médio. [...] As aprendizagens definidas na BNCC do Ensino Médio estão organizadas por áreas do conhecimento (Linguagens e suas Tecnologias, Matemática e suas Tecnologias, Ciências da Natureza e suas Tecnologias, Ciências Humanas e Sociais Aplicadas). A outra parte do ensino será através dos cinco itinerários formativos, uma espécie de especialização dentro de uma das áreas do conhecimento ou ensino técnico profissionalizante.” (NOVO..., 2021).

“A Lei, aprovada à revelia da sociedade, gerou movimentos de protestos e ocupações por parte de estudantes secundaristas e universitários em mais de mil escolas em todo o país, apoiados por trabalhadores e trabalhadoras da educação e pela comunidade em geral.” (NOVO..., 2021).

Em Uberlândia, foram 28 escolas ocupadas, em diferentes regiões da cidade, de acordo com a listagem apresentada abaixo:

Tabela 1 – Escolas ocupadas pelos estudantes secundaristas em Uberlândia, no ano de 2016.

Escola		Bairro onde se localiza
1	E. E. Américo René Giannetti	Tabajaras – Zona Central
2	E. E. Ângela Teixeira da Silva	Daniel Fonseca – Zona Central
3	E. E. Antônio Luis Bastos	Nossa Senhora Aparecida – Zona Central
4	E. E. Antônio Thomaz Ferreira de Rezende	Jardim Brasília – Zona Norte
5	E. E. Bueno Brandão	Centro – Zona Central
6	E. E. Cidade Jardim	Cidade Jardim – Zona Sul
7	E. E. de Uberlândia	Centro – Zona Central
8	E. E. do Bairro Jardim das Palmeiras	Jardim das Palmeiras – Zona Oeste
9	E. E. do Parque São Jorge	São Jorge – Zona Sul
10	E. E. Felisberto Alves Carrejo	Shopping Park – Zona Sul
11	E. E. Frei Egídio Parisi	Santa Mônica – Zona Leste
12	E. E. Guiomar de Freitas	Presidente Roosevelt – Zona Norte
13	E. E. Inácio Castilho	Santa Luzia – Zona Sul
14	E. E. Jerônimo Arantes	Taiaman – Zona Oeste
15	E. E. João Rezende	Custódio Pereira – Zona Leste
16	E. E. Lourdes de Carvalho	Alvorada – Zona Leste
17	E. E. Mario Porto	Jardim Canaã – Zona Oeste
18	E. E. Messias Pedreiro	Cazeca – Zona Central
19	E. E. Neuza Rezende	Tocantins – Zona Oeste
20	E. E. Professor Ederlindo Lannes Bernardes	Morumbi – Zona Leste

21	E. E. Professor José Ignácio de Sousa	Brasil – Zona Central
22	E. E. Professor Leônidas de Castro Serra	Luizote de Freitas – Zona Oeste
23	E. E. Professora Juvenília Ferreira dos Santos	Luizote de Freitas – Zona Oeste
24	E. E. Segismundo Pereira	Santa Mônica – Zona Leste
25	E. E. Sergio de Freitas Pacheco	Tibery – Zona Leste
26	E. E. Teotônio Vilela	Planalto – Zona Oeste
27	E. M. Hilda Leão Carneiro	Morumbi – Zona Leste

Fontes: LEÃO; FAGARÁZ; MENDONÇA, 2016; IBGE, 2010;
 Dados compilados da Base Cartográfica da Prefeitura de Uberlândia – Secretaria Municipal de
 Planejamento Urbano – Diretoria de Pesquisas Integradas, Uberlândia, jan. 2011.

As ocupações conseguiram alcançar praticamente todas as escolas estaduais de Uberlândia, um grande número diante do tamanho da cidade. Algumas escolas municipais também aderiram por um período de tempo, representando um poder dos estudantes que ousaram ocupá-las, pois representavam um quantitativo menor e eram do Ensino Fundamental, colocando em questão a concepção de que não tinham consciência política.

As escolas iam se organizando e mantendo contato na medida em que a ocupação acontecia, e, nesse processo, os estudantes conseguiram ter uma organização e constituir uma significativa rede de apoio que foi fundamental para a colaboração nas escolas que precisavam de suporte maior para a manutenção da rotina diária com a permanência dos estudantes. Essa rede ajudou as escolas que sofriam com repressões por parte da direção ou não tinham nenhuma experiência sobre o que fazer. É interessante notar como as escolas mais “antigas” no movimento ajudavam as outras que eram “recentes” no processo, estabelecendo-se um forte um forte laço de solidariedade e um sentido de fraternidade entre os colegas, do mesmo modo que também havia uma autonomia em cada escola.

Figura 1 – Mapa das ocupações elaborado pelos estudantes da Escola Estadual Professor José Ignácio de Sousa



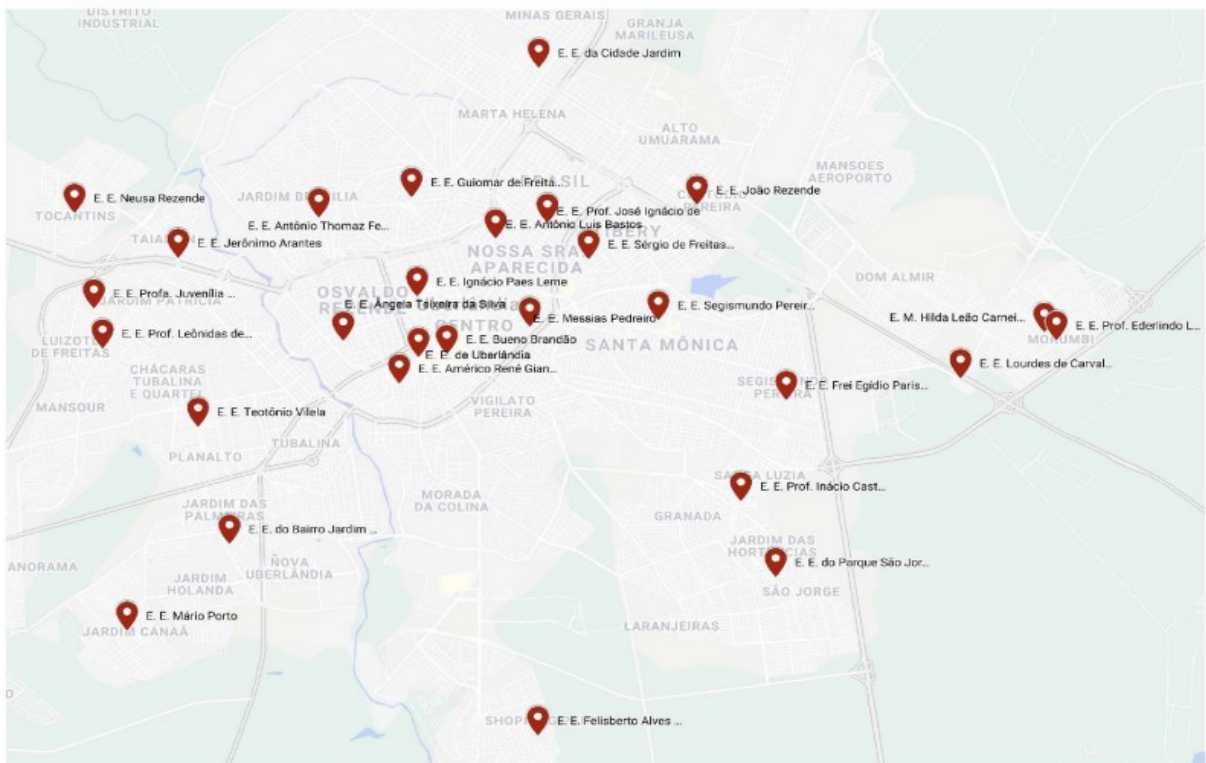
Fonte: Acervo pessoal.

No mapa acima e no mapa que apresento abaixo, é possível observar o tamanho do movimento e também da cidade. A primeira imagem traz um mapa retirado da biblioteca por um dos estudantes e utilizado como forma de manter o movimento consciente do processo, manter os estudantes informados e mobilizados. Isto representa uma potência significativa sobre como estava a organização do movimento, pois, a cada dia, toda experiência adquirida por eles, crescia em forma de amadurecimento na estratégia do movimento.

É importante apontar duas escolas que tiveram mobilização dos estudantes, mas que não estão relacionadas ao movimento secundarista diretamente, uma por fazer parte do sistema municipal de ensino e a outra por ser uma escola de Ensino Fundamental. São a Escola Municipal Hilda Leão Carneiro, localizada no bairro Morumbi, e a Escola Estadual Professor Leônidas de Castro Serra, no bairro Luizote de Freitas.

Mesmo tendo essa diferença, é essencial ressaltar a mobilização das crianças e dos jovens nesses respectivos espaços. Em um vídeo compartilhado pelo Sindicato dos Docentes da Universidade Federal de Uberlândia (ADUFU), onde aparece a Escola Municipal Hilda Leão Carneiro, vê-se todas as crianças no pátio gritando palavras de ordem e pedindo a ocupação da escola. Em uma dessas palavras de ordem, os estudantes gritam que “alunos unidos jamais serão vencidos”, o que demonstra o reconhecimento desses sujeitos sobre a necessidade de união e solidariedade aos secundaristas na luta contra o desmonte da educação. Ainda que se trate de uma escola de Ensino Fundamental, existe a mobilização, e também é um demonstrativo de que, mesmo diante de diversas circunstâncias negativas sobre o movimento das ocupações na cidade, a mensagem dos estudantes estava se disseminando e conseguindo apoio daqueles que eram mais importantes para o movimento, os estudantes da cidade.

Figura 2 – Mapa das escolas ocupadas na cidade de Uberlândia.



Fonte: FÁVERO, 2021.

1.2 Os sujeitos das ocupações

Essa pesquisa se preocupou em realizar o estudo de maneira abrangente sobre essa experiência na história do país e da cidade de Uberlândia, considerando os sujeitos sociais que participaram desse momento. Mas o foco está em analisar o protagonismo dos jovens estudantes secundaristas que ousaram se contrapor ao desmonte de seus direitos enquanto cidadãos. A partir da história oral metodologia e prática de diálogo essa pesquisa foi marcada pelo encontro com os estudantes que participaram das ocupações de diferentes maneiras: participantes dos momentos mais importantes do movimento, participantes que permaneceram até o final, participantes que estiveram em momentos específicos.

Tabela 2 – Estudantes entrevistados para a pesquisa

Nome	Escola em que estudou	Série	Data da entrevista	Idade
Alan	E. E. Américo René Giannetti	3ºano	25 de novembro de 2021	22 anos
Ana Cristina	E. E. Professor José Ignácio de Sousa	2ºano	04 de dezembro de 2021	22 anos
Ana Terra	E. E. Professor José Ignácio de Sousa	3ºano	22 de janeiro de 2022	22 anos
D.C.P	E. E. Messias Pedreiro	2ºano	03 de dezembro de 2021	21 anos
Karine	E. E. Neuza Rezende	2ºano	22 de novembro de 2021	21 anos
Nathália	E. E. de Uberlândia (Museu)	3ºano	18 de novembro de 2021	23 anos
P.I.M.L	E. E. Professor José Ignácio de Sousa	3ºano	01 de dezembro de 2021	23 anos
Pietra	E. E. de Uberlândia (Museu)	3ºano	24 de novembro de 2021	21 anos

Fonte: Acervo pessoal.

Cada entrevistado cooperou de maneira diversa com a pesquisa, de maneira única e rica, trazendo pontos de vista não só do processo como um todo, mas das peculiaridades que eles vivenciaram, com olhares que ajudam a compor as evidências e o movimento sendo feito no movimento entre memória e experiência.

Esse acervo de entrevistas traz também um elemento importante que não talvez não fosse previsto por esses estudantes durante as ocupações, um novo entendimento sobre o que eles fizeram enquanto concretude política e histórica, o novo lugar de memória e experiência, o qual foi sendo construído após as ocupações, por suas escolhas profissionais, filosóficas, políticas e pela experiência de vida.

Todos os entrevistados estão fazendo curso de graduação na universidade, tiveram acesso ao ensino superior, fato que possivelmente contribua para o desenvolvimento da maturidade do olhar crítico sobre esse momento da história que eles vivenciaram. Essas informações sobre o presente desses sujeitos são importantes para a composição da pesquisa, pois nos permitem vislumbrar, ainda que em parte, seus lugares sociais e suas perspectivas. A distância que agora têm da escola, para alguns, mudou muito as suas ideias; por outro lado, ainda é perceptível a influência deixada pela experiência escolar em suas formações.

Dessa forma, perguntamos: entre esses sujeitos alcançados pela pesquisa, quais são os seus perfis, suas aspirações antes, durante e depois das ocupações?

Para poder compreender o processo das ocupações, é necessário retornarmos para o cotidiano da escola, da vida dos sujeitos que ali estavam inseridos, identificando quais eram as dinâmicas dentro daquele ciclo de relações e como cada um interagiu. Não é possível falar de ocupação secundarista, um movimento elaborado pelos estudantes, sem utilizar a lente da história e ver toda a trajetória estudantil deles. Isso possibilitará uma melhor compreensão de um dos motivos que levaram as ocupações a acontecerem, trazendo à tona o debate sobre as teses de que o movimento havia sido cooptado por organizações político partidárias, com propósito completamente ideológico, sem que houvesse vida, história e consciência dentro do movimento e entre os estudantes que participaram.

A partir do contato com os oito relatos construídos pelos estudantes entrevistados e que compuseram o movimento em determinados períodos, vê-se presente uma gama de sujeitos que poderiam ou não se conhecer; que poderiam ser novos, recém-chegados, em suas respectivas escolas ou já estar ali há bastante tempo; que fizeram parte central da mobilização das ocupações ou participaram sem se constituírem lideranças.

[Karine]: Eu sempre fui uma aluna muito participativa nas aulas, sobretudo nas aulas de humanas, já era cotidiano pra mim, participar, interagir com professor, interagir com a turma... Acho que era essa a minha postura em sala de aula.

[Ana Cristina]: Durante todo o meu ensino fundamental e médio, muito mais forte no médio, eu sempre fui muito atendida às questões dentro da escola.

Por vários fatores. Porque a minha mãe é professora... Então eu sempre em casa e na escola eu sempre tive antenada a essas coisas... Elas me afetavam diretamente como estudante e dentro da minha casa também, né? Eu me lembro de muitas situações assim. Por exemplo, teve uma vez quando eu tava no primeiro ano, que o professor de geografia ele falou alguma coisa relacionada à divisão de terras durante uma aula. E isso fez surgir uma discussão. E aí, nessa discussão, uma das outras meninas da sala falou: “ – Ai, nossa, por que que ele não dá aula logo? Fala de alguma coisa que a gente está interessado em ouvir!” E eu comprei uma briga enorme com ela por causa disso. E eu falei, falei, falei, falei, falei, falei, falei, falei, até alguém mandar parar. E eu fazia isso assim com tudo e sempre.

Com esses dois relatos, é possível identificar diversas posturas e identidades. A primeira delas é a participação nas discussões e nas interações dentro da sala de aula. O mais chamativo é esse engajamento acontecer nas aulas de ciências humanas, onde o debate crítico e os temas necessitam de uma postura mais ativa dos estudantes. De acordo com o historiador Marcos A. da Silva, o acesso ao estudo de história possibilita uma profundidade em dialogar com as experiências humanas e ao mesmo tempo cria a possibilidade de interpretação dos caminhos percorridos pelos sujeitos (SILVA, 1995). Por isso, ao ter acesso à história, o estudante tem a possibilidade de desenvolver uma postura ativa de questionar. Aproveito para estender esse argumento para outras disciplinas da área de ciências humanas, com também a geografia, a sociologia e a filosofia. O geógrafo Milton Santos lembra:

Esse é um dos problemas mais apaixonantes e difíceis em Geografia. O casamento entre o tempo e o espaço se dá porque há, sempre, homens usando o tempo e o espaço. Da mesma forma que não se entende o espaço sem o homem, a noção de tempo também não existe sem o homem. Se as duas noções se casam, e aparecem juntas e indissolúveis, é porque o homem vive no Universo. (SANTOS, 1990).

Independentemente da disciplina com que os estudantes estavam envolvidos, é muito rico notar como esses sujeitos tinham um nível de envolvimento bastante crítico e participativo, procurando contribuir com a construção do conhecimento. Por mais que a geografia seja uma disciplina com diferenças em relação à história, os objetos de análise e de diálogo entre elas são inúmeros, possibilitando um olhar crítico não só para o tempo enquanto metafísica, mas na crítica concreta a partir da materialidade do espaço. Sendo assim, a articulação entre a história e a geografia possibilita uma compreensão muito mais ampla do mundo, permite situar o indivíduo dentro de um espaço e de um tempo, e traz a chance dele comparar esses dois objetos com outros do passado. Esse exercício é totalmente crítico e gera uma consciência de questionamento do mundo.

Ao longo dos relatos, é perceptível como a escola teve um papel fundamental na formação desses jovens. Mesmo quando não ocorria uma participação mais profunda no cotidiano escolar, esse cotidiano estava inserido no presente e nas teias de relações construídas por eles, a depender momento ou do espaço em que se encontravam. Nos relatos, também é notável como o ensino médio e o contato com outros jovens que também estavam passando pelo mesmo processo de formação e amadurecimento crítico é outro ponto potencializador nessa rede de sujeitos.

A escola aparece nas palavras dos estudantes como um espaço de inúmeras identidades, possibilidades e temporalidades. Isso por conta não apenas de ser um lugar de estudo de diversas disciplinas, da construção do conhecimento, mas por também ser vivido enquanto espaço de trocas culturais, quando aconteciam, por exemplo, festivais e feiras científicas. Nessas ocasiões, além de serem apresentados os trabalhos comuns das feiras de ciência, também se desenrolava o debate sobre gênero e opção sexual, e se abria um novo mundo, construído não de cima para baixo, a partir dos professores ou diretores, e, sim, feito pelos estudantes que traziam essas pautas, identificavam a necessidade do debate. O espaço escolar aparecia para eles não como um lugar apenas da construção do conhecimento, mas da construção da luta, fosse ela política social ou para reivindicar seus espaços, direitos e identidades.

Juarez Dayrell e Paulo Carrano desenvolvem uma discussão sobre como jovens veem a escola, como consideram como um lugar de obrigação, que ela está presente em suas vidas de uma maneira enfadonha, que não acrescentaria em nada em sua formação. Os autores enfatizam que o problema não começa necessariamente por causa de relacionamentos:

Eles se apropriam do social e reelaboram práticas, valores, normas e visões de mundo a partir de uma representação dos seus interesses e de suas necessidades; interpretam e dão sentido ao seu mundo. É nessa direção que não podemos trabalhar com a noção de que existe uma juventude, pois são muitas as formas de ser e de se experimentar o tempo de juventude. Assim, digamos: juventudes. (DAYRELL; CARRANO, 2014).

Não se pode falar do movimento das ocupações sem antes falar da trajetória dos estudantes que estavam envolvidos direta ou indiretamente no processo. Do mesmo modo, não se pode falar dessas questões sem antes discutir a escola enquanto espaço de conhecimento e de relacionamento humano, onde os jovens são reconhecidos centralmente como sujeitos de experiência, de vida. Esses protagonistas da escola não precisam dos professores ou da direção para tomar iniciativa, a partir da comunicação entre sua rede de relações e da sua postura ativa no espaço escolar, conseguem criar e compor seus interesses.

Em muito dos relatos, a autonomia dos jovens aparece justamente para contrapor a autoridade daqueles que julgam dizer e impor o que é melhor para a juventude, na perspectiva de um adulto que ignora o sujeito (jovem) e sua capacidade de construir, além de também ignorar o princípio da gestão democrática, que deve estar, por exemplo, prevista pelo Projeto Político Pedagógico de cada escola e por todas as leis, diretrizes e currículos estabelecidos pelos órgãos de educação.

[P.I.M.L]: Massa Jão... Eu sempre fui aquele cara do fundão que troca ideia e participa da aula. Eu nunca fui muito engajado. Eu me lembro, lá no Zé, que eu não era um cara muito engajado em grêmio, não era um cara muito engajado em... vamos falar o cotidiano representativo dos secundaristas, mas só que eu permeava esses espaços. Eu tinha contato com os professores, com essa rapaziada que era mais organizada, eu gostava de participar das feiras e das mostras. Então, mesmo eu não estando diretamente presente na realidade política secundarista, diretamente política, secundarista, eu tava dentro da comunidade escolar. O Zé tinha uma comunidade muito forte, né... O jeito que a escola funcionava fazia com que possibilitasse núcleos, núcleos não no sentido isolado, mas que formassem uma comunidade mesmo! Por exemplo, a comunidade que existia lá na casinha, depois que reformou... Aquilo era um espaço de expressão, né... Qual que era o nome daquela casinha mesmo lá? Era uma casinha de bagunça que tinha mesmo né?

[Ana Terra]: E eu tinha – como eu já disse, né – muitos contatos dentro da escola, todos os funcionários me conheciam. Eu era uma pessoa assim, que se precisasse abrir a escola no final de semana, eu ia, eu abria, eu sabia aonde estavam as chaves da escola, eu sabia como e onde tavam as coisas.

A comunidade escolar foi fundamental para a mobilização e para a consolidação do movimento de ocupação. Dentre todas as escolas de Uberlândia, uma das mais chamativas foi a comunidade da Escola Estadual Professor José Ignácio de Sousa, escola tradicional, localizada no centro da cidade e tendo sido a primeira a ser ocupada. O relato do estudante P.I.M.L retoma um contexto e uma compreensão sobre o que era a escola antes das ocupações, como a gestão democrática consolidada naquele período pelos estudantes, pela direção e pelo corpo docente foi de importância para a formação crítica e autonomia dos jovens na escola.

A apropriação dos espaços não aconteceu somente durante as ocupações. Mas é problemático notar que, em outras escolas, essa experiência de gestão democrática não ocorria, como na segunda escola a ser ocupada na cidade, a Escola Estadual Américo René Giannetti, uma das mais renomadas na região central, principalmente em função das características de seu espaço físico. Essa escola tornou-se conhecida por ter seu espaço muito utilizado pela direção e por entidades sociais, para reuniões, atividades culturais, palestras etc, mas não se tem notícia sobre esse uso por parte dos estudantes, que têm a sensação de estarem ali e terem de se

contentar com pouco, mesmo estando em uma “mina de ouro” de possibilidades de uso do espaço escolar, como salienta um dos estudantes da escola:

[Alan]: Cara, as positivas não tem como falar do espaço, é sério, é um dos melhores espaços de Uberlândia, tem uma árvore, uma praça no meio da escola, que você pode aproveitar durante os intervalos, as quadras, ainda tem três quadras gigantescas... Então, é um espaço que dá pra desenvolver infinitas formas de aprendizagem. E o ponto negativo é que não são desenvolvidas, elas são desencorajadas. Eu lembro que, no primeiro ano, em 2014, eu tinha aula com o professor Flávio, que inclusive recentemente falecido pela COVID. Mas o professor Flávio levava a gente para os laboratórios, infinitos laboratórios que tinham embaixo, espaço da escola que a gente tava lá há cinco anos e não sabia que existia. E, cara, é incrível essa experiência! E foram poucas vezes, eu consigo listar, a gente sempre era condicionado à sala de aula mesmo. E, nos últimos anos, a gente podia até movimentar os lugares, escolher onde a gente ia sentar. Mas, no começo, era sempre aquele método positivista, cabecinha atrás de cabecinha... É isso, cara. É uma escola que tem muito potencial, só precisa ser desenvolvida e trabalhada.

[João]: Eu lembro bem, também já passei por isso... Como os estudantes se organizavam dentro da escola nesse contexto que você falou?

[Karine]: Antes da ocupação, né?

[João]: Isso, isso...

[Karine]: Tá, tá... Ah, todo mundo seguia as regras, era bem difícil alguém ser rebelde entre aspas.

[João]: Porque, se saísse da linha, a direção cortava?

[Karine]: Isso!

Os antecedentes das ocupações são muito mais que problemas pontuais em relação às leis e ao que estava sendo discutido em 2016, porque envolvem questões que foram se acumulando ao longo dos anos em relação à experiência escolar, de geração para geração. A partir dos relatos produzidos durante as entrevistas e também a partir de minha experiência docente e de pesquisador, a realidade escolar aparece cercada de desafios e percalços, a escola apresenta diversos problemas e torna-se limitada por eles. E as ocupações aparecem para apontar e desnudar o tabu sobre essas questões e sobre as necessidades dos estudantes.

Os dois relatos apresentados acima trazem uma característica muito presente em algumas escolas na cidade: o cerceamento e a vigilância sobre os jovens, o receio de que eles possam passar do limite imposto pelos docentes como principal do medo dos adultos sobre esses estudantes. Na fala do estudante Alan, torna-se nítida a observação acerca de uma falta de gestão participativa dos estudantes na configuração da gestão escolar, ao mesmo tempo que

surge uma dúvida sobre o real conhecimento da direção em relação ao uso da escola e da sua importância para os jovens, como, por exemplo: por que aquele espaço não é aproveitado totalmente por esses jovens? Para quem e para que serve a escola? Qual a opinião e a perspectiva desses estudantes?

A partir do que compõe a fala da estudante Karine, infelizmente percebemos um certo medo dos gestores sobre o que poderia acontecer caso fosse “dada” liberdade “demais” para os jovens, ainda mais jovens oriundos de regiões periféricas da cidade, considerados sob um padrão estereotipado na visão de docentes e diretores. Ao longo da entrevista da estudante Karine, surgem questionamentos acerca de diversas ações de gestores e professores, tanto no contexto de sua trajetória habitual, quanto no contexto das ocupações; questionamentos que colocam em discussão a ética e o profissionalismo desses gestores e professores.

Durante os relatos dos estudantes, emerge o entendimento de que a escola é um lugar para controlar o jovem e não um espaço de liberdade intelectual e social:

[Pietra]: Existia um... um... um sentimento assim, né? De insatisfação perante à escola, perante as diretrizes da escola também, né? A gente tinha um... que era dito como um inspetor... Ele então fazia o controle das turmas, era aquele tipo de pessoa que dava alguns cortes, falava: “– Pode isso, não pode aquilo. E é uma coisa que... Engraçado, hoje eu estudo é artes visuais, né? Então, a gente vê muito isso.

Nota-se que, em grande parte das entrevistas, aponta-se a tentativa de controle dos jovens, de seu corpo, sua mente e de seu tempo, como se fosse para inseri-los em um espaço atemporal e metafísico, no qual, mesmo estando em um lugar fora da escola, eles continuassem se sentindo controlados. No interior do espaço escolar, essas técnicas de controle são perceptíveis na maneira da organização das salas e na presença de grades que delimitam o uso de cada seção, por exemplo, e produzem a sensação de uma escola feita para encarcerar e vigiar. Nos relatos, mesmo quando os entrevistados haviam estudado em uma escola que tinha determinada liberdade e autonomia, os estudantes apontaram as tentativas de controle por meio da disciplina ou das punições, como advertências ou o contato de professores e gestores direto com os pais.

A trajetória escolar desses jovens que passaram pelo Ensino Fundamental, Ensino Médio e agora já estão adentrando a universidade, ou saindo dela, vem acompanhada com um mar de experiências, dentro ou fora da escola. Esses momentos vão compor a formação deles enquanto sujeitos sociais, e essa formação será moldada em um espaço completamente construído para disciplinar, o que é contraditório, pois, nas diretrizes e leis voltadas para a

educação ou para a proteção de crianças e adolescentes, se vê expressa uma preocupação em amparar, acolher e ensinar. Esse é um dos contextos presentes antes e depois das ocupações, por isso se torna um acontecimento tão marcante para estudar as vozes desse processo histórico.

[Karine]: Era uma escola que não abria espaço para o aluno, né... Anterior às ocupação e pós ocupação. O aluno não tinha voz ali dentro. Então, a direção tomava as decisões de tudo o que aconteceria na escola, e a gente, enquanto aluno, só aceitava, mesmo... É geralmente, quando alguém tentava propor alguma coisa para a direção, não podia, era sempre vetado: “– Porque isso, isso e aquilo...” Porque é desorganizado... Porque tem aluno propondo também, então.

Em contato com os sujeitos alcançados pela pesquisa, é possível se defrontar com a juventude da cidade de Uberlândia e com diversos perfis de jovens que haviam vivenciado momentos muito importantes em sua formação, mas que, segundo os oito entrevistados, não tinham sido tão potentes como foram as ocupações.

O exercício de compreender quem era cada um e também compreender quem eram em termos coletivos tornou possível identificar que, mesmo com suas diferenças, havia um ponto em comum sobre posicionamento político e sobre a tentativa de resgatar a participação da juventude na política da cidade. É possível identificar um forte engajamento em cada um. Mesmo entre aqueles que se apresentaram como mais reservados, parece despontar uma chama de esperança em construir o movimento estudantil na escola em que eles estudaram. No trecho da entrevista de Nathália, nota-se a atitude de interesse para com a escola, de entendimento da escola enquanto lugar de acolhimento e de engajamento:

[Nathália]: Tô pensando mais em participação política, mas eu sempre participei das disciplinas, sempre tentei ser uma estudante engajada no sentido de todas as tarefas e participar das aulas, do que fosse proposto, né? É até engraçado, que, quando chegava no final do ano, eu lembro que eu ficava indo. Não precisava e já tinha passado, mas eu ficava indo, porque não sei... eu gostava. E mesmo que tivesse várias dificuldades com exatas, né? Isso acaba entristecendo a gente, nunca me afastou. Tinha ali uma identificação também muito grande com os professores e os amigos. Tem essa dimensão da participação na escola, mas também tem a política, que ela começou a se dar mais no segundo colegial. Então, é interessante trazer que essa minha participação política na escola e de todos os anos. Entrei lá em 2010 e em 2015 que ela começou a aflorar.

O contexto de 2013 até 2016 foi muito importante para a formação desses jovens, não apenas pelo ingresso no Ensino Médio, mas, principalmente, pela combinação desses fatores em um momento de efervescência política e cultural. Durante os relatos, começaram a surgir

algumas evidências de contraposição às acusações de que os estudantes estavam sendo manipulados, de que não possuíam senso crítico e nem consciência. Durante o relato de D.C.P, é possível notar um engajamento como característica marcante dos jovens que participaram do movimento das ocupações; eram estudantes que procuravam se inserir nos debates e na luta política possível ao âmbito da escola:

[D.C.P]: Tenho muitas, muitas lembranças, seja no ensino fundamental, seja no ensino médio quando teve as ocupações. No ensino fundamental, eu tinha participação nas questões culturais da escola, não se era discutido muitas questões políticas, debates políticos, eu não tinha uma participação, como eu posso dizer, eficaz nesse sentido. Mas, em questões culturais, como sempre tinha, feira de ciência, festivais, questões culturais, na escola Professor Duarte Pimentel de Ulhoa, o pessoal era muito participativo, então eu tinha minha participação. Quando eu entrei no meu ensino médio, no Messias Pedreiro, foi... É um outro mundo ali. É uma galera mais velha, mais de idade, que está por dentro do que está acontecendo no meio político de Uberlândia, os professores já se posicionaram em algum momento. Todos os festivais, eventos que tinham lá na escola, a gente tentava algum meio para discutir política, a conjuntura daquela época. Quando se teve as ocupações lá na escola, eu tava no segundo ano em 2016. Um ano antes, em 2015, eu ainda não tava inserida dentro do movimento secundarista, se via algumas pessoas falando sobre isso, mas eu não fazia parte. Discutia sobre isso, eu também lutava... Eu tinha... A minha maior pauta, na época era a questão LGBT na escola, essa era minha principal luta por ser uma pessoa bissexual. Então, qualquer questão, qualquer espaço, eu falava sobre o tema, discutia sobre com os professores, com a direção, nos eventos que se tinha a gente pregava sobre a igualdade, do não preconceito, da igualdade naquela época. Eu tinha uma participação que se pode considerar mediana, né, fui ter uma participação maior na escola e no movimento estudantil a partir das ocupações em 2016.

Entender que esses sujeitos estão passando por um momento crucial na formação humana deles, da fase da infância para a adolescência, pode permitir vislumbrar um emaranhado complexo e rico de elementos presentes na atuação desses jovens, que buscam se inserir em sua comunidade e enfrentar sua realidade, como aponta o Parecer do Conselho Nacional de Educação para as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio de 2011-2012, ressaltando a importância de não se homogeneizar a juventude e a importância de considerar a multiplicidade de articulações entre a juventude...

a juventude como condição sócio-histórico-cultural de uma categoria de sujeitos que necessita ser considerada em suas múltiplas dimensões, com especificidades próprias que não estão restritas às dimensões biológica e etária, mas que se encontram articuladas com uma multiplicidade de atravessamentos sociais e culturais, produzindo múltiplas culturas juvenis ou muitas juventudes. (BRASIL, 2011, p. 12).

Tendo em vista esse processo de atravessamento da vida desses sujeitos envolvidos no processo histórico das ocupações, foi importante identificar suas perspectivas acerca do que era a escola para eles e como eles se relacionavam com ela. Esse entendimento conduziu para a essência do que engatilhou como combustível o movimento das ocupações: um conflito entre o “velho” presente na escola e “novo” que estava se formando e defrontando com questões que lhes deixavam bastante indignados e os moviam em busca de serem ouvidos.

Mas como esses jovens enxergavam a escola? Com essa indagação durante a análise das entrevistas, foi possível notar um entendimento da escola como lugar de acolhimento, espaço de engajamento político, social e intelectual. Mesmo para aqueles que expressavam dificuldade de se relacionar com seus colegas, a escola, ainda assim, constituía-se um lugar de contato com a afetividade e com a construção de uma rede de fraternidade. Tal rede também trazia a característica que foi necessária para a construção do espírito coletivo da comunidade formada durante as ocupações, sem essa base afetiva dificilmente haveria condições de as ocupações se organizarem.

E, por esses caminhos, desponta o movimento das contradições. Se, por um lado, a escola, mesmo oferecendo um espaço de afetividade e sociabilidade, infelizmente está inserida em uma estrutura completamente disciplinada, rigorosa e com aspecto de encarceramento que produz um sentimento de prisão para esses jovens; por outro lado, é interessante notar que, mesmo diante do desafio em conviver em um aspecto punitivista e cheio de grades, é por meio daquelas redes de afeto que os jovens formam uma resistência a esse sistema, procurando utilizar os espaços da escola como podem.

[P.I.M.L]: Então, o Zé Inácio era um ambiente que instigava a gente, né, um ambiente que gestava!

[João]: E quais são as características negativas que você identificava?

[P.I.M.L]: Mesmo que o Zé Inácio tinha essa... essa... essa característica que cuidava, que convidava, que nutria intra escola, a gente tinha aquela sensação das grades, né, das janelas gradeadas, dos portões em cada espaço, por exemplo. Até um pouco paradoxal, mas só que a escola internamente dava sensações assim. Por exemplo, no segundo andar, pra circular do segundo pro primeiro andar, tinha um portão. E esse portão por vezes ele era fechado. Pra gente sair desse primeiro complexo de entrada pro complexo do fundo, tinha esses portões. Por vezes eram fechados. Teve uma época que foi instalado catraca no Zé. Isso não impedia que a gente circulasse na escola, mas isso trazia uma sensação ruim né, de que é foda... Porque a gente tinha essa liberdade, mas essa liberdade ela era condicionada, né? Não era, não é um ambiente da comunidade de forma geral, é da comunidade Zé Inácio. É esse bloco aqui, é da comunidade Zé, principalmente da comunidade Zé Inácio, do primeiro ano, seja lá por fins organizativos, seja lá por segurança, em todas

essas transversalidades assim... Mas eu tinha essa sensação de que, ao mesmo tempo que o Zé me gestava, me alçava voo, me dava liberdade, não pode... o “não pode” lá também existia, e lá ele era forte de certa forma. É um pouco paradoxal essa frase, mas eu senti isso demais lá.

Assim, em cada entrevista existe um sujeito social que enxerga a escola de uma maneira, mas, ao final de todos os relatos, há sujeitos sociais que articulam muitos pontos em comum, apresentando sua experiência de potente relação com a escola.

São estudantes que vivenciaram o mesmo momento histórico, antes e depois das ocupações, estiveram em escolas totalmente separadas no espaço da cidade, com diferenças nos anos letivos e no conteúdo ensinado. Mesmo com a diversidade entre os sujeitos, quando cada entrevista traz uma determinada configuração que advém de uma história de vida, de uma família, de um lugar da cidade, de uma condição sociopsicológica e econômica completamente diferente entre si, apresentam semelhanças e evidenciam uma experiência comum.

Um aspecto muito interessante é notar, a partir da fala de P.I.M.L, que cada escola “gestava” sujeitos diferentes, com maneiras de se relacionar, de pensar e de ver o mundo. A partir desse relato, foi possível retornar o olhar para os demais relatos e perceber como os estudantes traziam seu senso de pertencimento para cada escola, refletindo na forma de organização dos movimentos. Essa característica foi muito forte durante as ocupações, não só pela realidade vivida por cada escola, mas pela constante troca entre cada um que estava ocupando em sua escola.

Analisando os perfis desses estudantes com o acompanhamento de toda a inserção deles na escola, do Ensino Fundamental ao Ensino Médio, passando pelas ocupações e compreendendo-as como ponto importante na construção de consciência por parte desses jovens, ressalta-se que a ocupação já estava sendo gestada muito antes nas escolas, a partir de suas experiências de vida. O engajamento e as ações deles traziam questões muito fortes, que incomodavam os adultos e outros setores da sociedade, mas que vinham como acentuada crítica a estruturas sociais que estavam postas. Para esses jovens, era necessário incomodar como forma de protesto e, ao mesmo tempo, apresentar uma proposta que se sobreponha a ele.

A análise de um vídeo produzido por ocasião de uma Audiência Pública sobre a PEC 241⁹, realizada na Câmara dos Vereadores da cidade de Uberlândia, com a presença de

⁹ PEC 241 – PEC do Teto de Gastos Públicos - Proposta de Emenda à constituição federal, elaborada pelo ministro da fazenda Henrique Meirelles, submetida ao congresso nacional pelo então presidente Michel Temer em 2016, com objetivo de instituir um novo regime fiscal no país, o que popularmente é conhecido como congelamento de gastos. Um dos pontos mais polêmicos é a limitação das despesas e investimentos em saúde e educação por 20 anos, com valores corrigidos pela inflação do ano anterior, sendo assim, os gastos não podem crescer mais que a inflação. Outras áreas que foram afetadas são: realização de concursos públicos, reajuste salarial dos servidores

estudantes das escolas, de professores e estudantes da UFU, moradores da cidade, pais de alunos permitiu destacar diversos pontos. Um deles foi a apresentação do movimento por parte de uma estudante da Escola Estadual Américo René Giannetti. Essa apresentação permitiu perceber que o movimento estava sendo muito importante por ter o protagonismo das meninas; segundo a estudante que falou aos presentes durante aquela Audiência Pública, uma parcela muito grande das ocupações contava com meninas enquanto liderança. Ainda no vídeo da audiência, é possível notar o entendimento desses jovens como protagonistas da democracia brasileira, mesmo em um contexto de derrotas e perigo sobre ela, entendimento de que a voz da juventude é importante e precisa ser ouvida.

Para os jovens, existe uma desigualdade de participação política e de falta de inserção, de quem propõe as leis, de estar presente nos espaços públicos, principalmente as escolas. Esses gestores e políticos, segundo os jovens, vivem um outro mundo, em uma outra realidade, o que muito possivelmente, aparece como incômodo para ambos os lados. Para políticos contrários, há um conflito de gerações e interesses diversos; já, para os jovens, há um entendimento de necessidade de revitalização da democracia.

Por fim, foi possível perceber que, tanto no início, quanto durante as ocupações, os estudantes reivindicavam o engajamento e o senso crítico sobre o sistema escolar e suas articulações com a democracia no Brasil, sistema em relação ao qual os jovens deveriam apresentar novas pautas. Mas, e após o fim das ocupações? Como esses jovens pensam e veem o mundo atualmente?

Esses jovens saem de um contexto intensamente politizado e ativo, caem em uma conjuntura ainda mais intensa no sentido mudanças sociais, política e cultural com a chegada da extrema direita ao poder, passam a viver no isolamento social devido à pandemia da COVID-19 e ao período de ensino remoto nas escolas e universidades, e, mesmo antes de chegar em 2020 e 2021, eles passaram por outras experiências que foram moldando seu engajamento.

Todos esses fatores são fundamentais também nessa trajetória de sua construção enquanto seres sociais e de suas consciências. As entrevistas realizadas durante essa conjuntura política e social apontada acima mostram a mudança de alguns sobre como devem lutar: uns se apresentam mais incisivos na necessidade de enfrentar a burguesia e o sistema que vinham enfrentando anteriormente nas ocupações; outros expressam uma ondulação em que o desgaste causado após as ocupações, com um certo trauma e uma descrença, convive com a defesa de que jamais se encerre aquela chama que ardia durante as ocupações.

públicos, realização de contratações ou receber subsídios ou incentivos. No Senado Federal, a Proposta de Emenda Constitucional ganhou o número 55: PEC 55/2016.

As ocupações aconteceram e se encerraram no ano de 2016, mas continuaram fluorescentes para todos os jovens que delas participaram; representaram um momento que também gerou consciência e força, mas também vida.

[Ana Cristina]: ...Sujeito político afetou muito nesse sentido, de que, assim... Eu não deixei de acreditar que a gente pode fazer as coisas, e... e militar pelas coisas que a gente acredita. Mas eu fiquei muito descrente pela sucessão dos eventos, também, depois da ocupação como ficaram as coisas no país depois... E, então, assim, afetou a minha vida política nesse sentido de que eu continuo acreditando que a gente precisa defender as nossas ideias das coisas que a gente acredita, exatamente com um pouco descrente com o resultado disso sabe? Será que a gente não é muito peixe pequeno nesse cenário? Será que talvez não seja só um grande desperdício de energia, sabe? Não está tanto por isso, e aí, daqui a pouco, cansar de lutar e não ter mudado nada... E... e será que daqui a pouco tá perigoso, sabe? A gente colocar tanto a cara a tapa [...] E eu fiquei pensando muito sobre isso... Pôxa, será que não é isso, assim, de talvez melhor só ficar quieto e acreditar nas coisas que a gente acredita e compartilhar nossas ideias com quem concorda e deixar por isso mesmo? Apesar de saber que isso não é saudável, eu fiquei muito nesse lugar de medo, de descrença e de um pouco de desânimo, assim... de... colocar tanta energia nisso... E eu acho que a gente não pode deixar de lado a nossa vida pessoal nesse aspecto assim da vida política. Foram anos em que eu estava mesmo muito cansada e afastada dos meus ideais políticos, né? Minhas filhas nasceram, e eu estava e estou trabalhando muito. Então, eu fico muito preocupada com muitas outras coisas. Mas, quando eu paro realmente pra pensar nisso, eu sinto, na minha vida pessoal, que a ocupação trouxe minha família. Eu conheci meu marido e pai dos meus filhos...

Com as ocupações secundaristas, os estudantes apontaram diversos problemas e também apontaram soluções, expondo “feridas abertas” da sociedade brasileira. As ocupações continuam vivendo dentro dos jovens. Mesmo alguns já não sendo totalmente jovens como eram anteriormente, ainda assim existe uma percepção sobre o que é juventude para eles. Agora, a preocupação é com as vozes do futuro, que, para alguns, serão seus filhos que já nasceram ou estão sendo gestados. O sentimento de mudança acaba sendo posto no futuro, como foi no início das ocupações. O futuro é muito importante por estar sendo construído pelas ações daqueles do passado, estamos colhendo agora parte do que foi plantado no período das ocupações, estar atento a isso é fundamental para manter esse momento vivo na história.

A questão de classe é inegável dentro das pautas de todas as escolas, mas também é uma característica que surge para mostrar como o movimento secundarista estava composto por jovens que trabalharam ou trabalhavam naquele período, ao mesmo tempo em que estudavam, não apenas para a independência financeira, mas também para ajudar a família. Trabalhavam em grandes empresas ou em comércios, procurando uma maneira de conciliar o serviço com a militância. Nas grandes empresas, ainda havia o risco de demissão por conta da participação

nas ocupações. A questão de classe é ainda mais perceptível pela ocorrência das ocupações nas escolas públicas e não nas privadas, onde vem a questão: “por que nas escolas privadas isso não ocorreu?”.

Vale destacar um ponto relevante na organização e, principalmente, na liderança do movimento dos estudantes: a participação feminina. Foi um fenômeno que ainda não se tinha visto com essa magnitude na cidade de Uberlândia, que em geral tem lideranças estudantis relacionadas a homens. E isso também se reflete na política municipal e na regional. Com isso, se acrescentou à pauta do movimento das ocupações o importante ponto da necessidade de mais mulheres na política; no país que teve sua primeira presidente mulher em um tempo bastante recente, mas que, ainda assim, não conseguiu resolver o problema da baixa participação das mulheres entre as lideranças políticas.

As lideranças das diversas escolas eram compostas por meninas que estavam em diferentes momentos do Ensino Médio, eram oriundas de diferentes classes sociais, e se destacaram pelas pautas direcionadas à crítica ao patriarcado na sociedade, à crítica ao machismo na política.

A coragem e a tenacidade das meninas dentro e fora do movimento ajudaram a alavancar as pautas, a mobilização e o diálogo entre as ocupações. Tornou-se uma característica muito importante que não apareceu apenas na cidade de Uberlândia, mas em todo Brasil, como no estado do Paraná, por exemplo, onde a estudante Ana Júlia se destacou nacionalmente pela força, coragem e inteligência na representação dos estudantes secundaristas durante as ocupações.

É interessante notar, também, que, em grande parte das reportagens feitas naquele período, foram as meninas que se posicionaram para falar, representando o movimento. No papel de liderança dentro do movimento, manifestaram coragem de enfrentar, criticar e se contrapor àqueles que eram contrários ao movimento. Isso é perceptível nos relatos de Ana Terra e de D.C.P, onde a questão LGBTQ+ emerge enquanto pauta do movimento, associada ao combate ao machismo e à reivindicação da participação de mulheres na política.

CAPÍTULO 2

Conflitos e contradições em torno do movimento de ocupações

O movimento das ocupações não ocorreu apenas em Uberlândia, isso é sabido por todos. Obviamente que a reação de cada cidade foi diferente. Mas apareceu uma similaridade importante, com a constante presença dos discursos daqueles contrários ao movimento. Isso leva a perceber as relações culturais e históricas na cidade, ajudando na compreensão dos discursos que vigoravam naquele período, não sendo apenas um produto importado do contexto imediato, em nível nacional, mas gestado há várias gerações em cada sociedade local. Para poder compreender isto, a pesquisa também se desenvolveu com a leitura de jornais e documentos produzidos pelo Ministério Público de Uberlândia sobre as ocupações.

2.1 A reação da cidade de Uberlândia e dos moradores

É importante ressaltar algumas características do século XXI, conhecido como o século da tecnologia, que avança com constantes mudanças e projetos, máquinas ou aparelhos digitais. A comunicação também está inserida nessa constante mudança e formas de se transformar as informações criadas, enviadas e recebidas. O contexto de 2016 é bastante tenso pela maneira com que a conjuntura política brasileira está caminhando, a ascensão da extrema direita forjando-se por meio de *fake news*, fenômeno esse que veio se destacar nas eleições de 2018, mas que já existia tempos antes no Brasil. Podemos considerar que essa ação de forjar notícias se favorece pela rapidez em que as informações atualmente são construídas, com poucos detalhes e mais sensacionalismo, do mesmo modo que o grande público não tem o tempo suficiente para fazer uma análise mais minuciosa, para conferir a origem da informação, quais os interesses das notícias e quem as enviou.

Como aponta a historiadora Marta Emisia Jacinto Barbosa, no artigo *Sobre história: imprensa e memória*, atualmente existe o domínio da informação por grandes empresas, essas que detém de condições, tecnologias, saberes e os executores (BARBOSA, 2006). Por isso, é necessário que façamos o exercício de questionar como essas entidades se organizam e lidam com a informação, transformando-a em notícia. A quantidade, a velocidade e o foco dessas

notícias podem nos mostrar qual é o objetivo de uma determinada empresa de comunicação. Do mesmo modo que as notícias enviadas pelo *WhatsApp*, ambas têm criadores e um público.

Uma das primeiras reportagens veiculadas em Uberlândia sobre o início das ocupações foi produzida pela Rede Paranaíba, afiliada da Rede Record, exibida no dia 18 de outubro de 2016 e reproduzida no programa *Balanço Geral*. É elucidativa a respeito da tendência que uma empresa de comunicação quer imprimir com uma notícia.

A reportagem foi realizada depois de um longo atrito entre lideranças do movimento e determinada rede de comunicação da cidade, porque o repórter não havia aceitado a demanda dos estudantes para uma tomada ao vivo em um dos primeiros dias de ocupação. A equipe de reportagem apresentou uma resistência, mas, posteriormente, acabou cedendo. O questionamento que surge é: por que a insistência dos estudantes para entrarem ao vivo em reportagem a ser veiculada na televisão? Com outro exemplo, que veio ocorrer algumas horas depois, por ocasião de outra entrevista produzida pela mesma emissora de televisão, é possível acompanhar e perceber o motivo.

A reportagem se iniciava com a imagem e o relato de um estudante: como havia sido o início da ocupação na escola, com a troca de cadeados, o aviso a todos da escola sobre o que estava acontecendo, que os estudantes haviam aceitado de maneira tranquila, que não tinha ocorrido resistência ou algo parecido. Parecia um início de reportagem simples. Mas, para um primeiro contato por parte do telespectador, o que se vê pode parecer bastante assustador: estudantes entram na escola, trocam o cadeado e alertam que a escola está ocupada, como se se tratasse de um assalto ou sequestro. Na sequência, a reportagem explicava como havia se dado a organização do movimento dos estudantes dentro da escola, ressaltando a iniciativa dos estudantes em formar uma comissão de comunicação para manter a comunidade informada. A notícia continuava com imagens de um drone, apresentando os jovens em manifestação diante da escola; e com outras imagens, apresentando a preparação da escola por parte dos estudantes, suas atividades, e coordenadores do movimento dos estudantes, com suas explicações.

As imagens da reportagem retomavam imagens que se tornaram icônicas quando se aborda movimento estudantil. Uma delas são os estudantes andando em círculo e dançando para o drone, que observa tudo de cima. Mas a maneira com que isso tudo é posto na reportagem faz soar como uma baderna e não como algo educativo ou um movimento sério, faz parecer um evento organizado por jovens que querem apenas se divertir. Ainda no plano das imagens organizadas na reportagem, se constitui uma linha de entendimento de que todo movimento tem um sentido de rebelião. Ao olhar cuidadosamente, é possível perceber que a cobertura

jornalística apresenta a organização dos estudantes em associação a imagens de uma rebelião em um presídio, semelhança que aparece até mesmo pela estrutura da escola.

Outra informação relevante, destacada pela reportagem, é que, naquele momento, Uberlândia era a única cidade do estado de Minas Gerais onde estudantes ocupavam escolas.

No momento da reportagem em que se faz a apresentação de imagens do início da ocupação e da fala da repórter sobre a quantidade de estudantes matriculados nos três turnos da escola, é mostrada uma fotografia de apenas um pequeno grupo de alunos, contrapondo a ideia de que toda a comunidade estava participando. A reportagem finalizava com a apresentação de uma estudante que fazia parte da coordenação, ressaltando que eles esperavam uma resposta do governo estadual e enfatizando que não se tratava de uma questão apenas dos estudantes, mas que envolvia toda a população.

Uma outra reportagem presente nessa análise aconteceu dez dias depois da primeira. Foi também produzida pela Rede Paranaíba, afiliada da Rede Record, exibida no dia 28 de outubro de 2016, reproduzida no Programa Balanço Geral. A essa altura, já haviam ocorrido outras entrevistas e reportagens acerca das ocupações. Mas escolhi o recorte desta por trazer pessoas contrárias ao movimento, representando um episódio peculiar de “contra-ocupação”.

A reportagem se iniciava com a imagem de um carro de polícia em frente à escola, com imagens produzidas por uma câmera escondida dentro do recinto escolar, com a demonstração de um clima de tensão e com um corte brusco de imagem. Na sequência, se passava para a imagem de pais de alunos aplaudindo, sons de gritos e demonstração de muita alegria, com o repórter explicando que se tratava de pais felizes por terem conseguido impedir as ocupações. Segundo o repórter durante entrevista com os pais, pelo fato de a escola ser de Ensino Fundamental, as crianças pequenas seriam afetadas com a ocupação. Uma mãe enfatizou que não era contrária ao movimento, mas acreditava no direito de seu filho estudar, e apontou que deveria haver outros meios para os estudantes se manifestarem em outro lugar.

Na ocasião, havia o suporte de estudantes da Universidade Federal de Uberlândia e advogados de ambas as partes, favoráveis e contrárias, para mediar a situação.

No andamento da reportagem, se via uma mãe irritada, reclamando que os estudantes que queriam “invadir” não eram do mesmo bairro da escola, o bairro Jardim das Palmeiras. Essa palavra – “invadir” – denotava a ideia de como a mãe via o movimento e as intenções dos estudantes que ocupavam a escola. Por outro lado, de modo diferente se posicionou outra mãe de aluno, que afirmava enxergar sentido nas manifestações e demonstrava preocupação apenas com o risco de o movimento atrapalhar sua rotina e a do filho.

A mãe irritada afirmava acreditar que a tentativa de ocupação havia sido criada pelos estudantes da UFU que estavam presentes no momento da reunião dos estudantes da escola para decidirem se iriam ou não aderir ao movimento. Essa mesma mãe afirmava ter escutado reclamações dos estudantes da escola sobre a condução do debate. Um pai que apareceu na entrevista reclamava que o movimento estava mal organizado, que a democracia, para ele, não funcionava daquela forma. Ressaltava que os pais não deveriam aceitar que os filhos ficassem em casa o dia todo, no *videogame* ou na frente do computador, por conta do movimento de ocupação da escola. E terminava a entrevista, enfatizando repetidas vezes que se tratava de um movimento totalmente político, e que o que considerava errado não era o intuito dos estudantes em fazer pressão política, mas a presença de um partido ou movimento específico.

Defino, ainda, outro recorte de reportagem, produzida novamente pela Rede Paranaíba, exibida no dia 25 de outubro de 2016 e reproduzida no Programa Balanço Geral, para ampliar a visualização da reação de moradores da cidade, em especial dos contrários ao movimento. Trata-se de uma entrevista com estudantes contrários ao movimento, que se organizaram para solicitar uma atitude ao Ministério Público.

No início da entrevista, era apresentada a imagem de um dos pais indignados, que aparecia como figura central. Na sequência, eram mostrados outros pais com seus filhos, parados. E, em seguida, a imagem do Promotor da Vara da Infância e da Juventude de Uberlândia, apresentado como um mediador para a situação.

A escola ocupada aparecia por meio da fala da repórter quando se referiu à volta às aulas. A construção dessa fala fazia entender que ocupação e escola estivessem separadas, fossem realidades diferentes e apartadas, de forma a estimular o espectador a deduzir pela desarticulação entre o movimento dos estudantes ocupantes e a escola.

Na medida em que estabelecia o foco é no “problema” e não na pauta dos estudantes, a repórter enfatizava que os pais queriam o retorno imediato das aulas. Isso era reforçado com a imagem do pai como figura central, solicitando um requerimento, e discorrendo: “Todos os estudantes lá são menores e quem deveria estar ocupando as escolas deveriam ser os pais dos meninos, e não os meninos. É muito perigoso, os meninos lá. Eles não estão deixando ter aula”.

Em seguida, a repórter voltava a falar, acompanhada, no plano, da manchete: “Nesta segunda, mais três escolas foram ocupadas”. Mostrava-se a escola ocupada, mas não a pauta dos estudantes. Quando mencionava a pauta dos estudantes, colocava em dúvida a validade da decisão e da ação de ocupação, apontando a reclamação de alguns outros estudantes que afirmavam que a ação não havia sido democrática. Como recurso de corroboração de sua fala, a repórter apresentava uma estudante contrária ao movimento que utilizou um cálculo

matemático em sua contraposição: a estudante apontava que havia visitado a escola e visto 70 alunos presentes na ocupação; calculava que a escola contava com um total de cerca de 2.000 alunos e que, portanto, os 70 ocupantes representariam apenas 2% do conjunto dos estudantes da escola. Ela apontava que, para se decidir pela ocupação, teria sido necessária uma votação geral dos estudantes.

Em continuidade, a fala da repórter indicava que o Ministério Público havia aberto um inquérito para analisar as justificativas que levaram às ocupações e os pedidos de reforma das escolas. Em nova imagem durante a mesma reportagem, via-se a repórter apontar para um estudante, e dar sequência à sua fala. Segundo ela, reclamava do fato de os ocupantes estarem sendo manipulados por estudantes da UFU que estavam impondo um modo de pensar. Simultaneamente, a reportagem exibia a imagem de uma das escolas, onde apareciam estudantes entrincheirados, que foram mostrados sem direito de resposta e como se fossem vândalos. Enquanto o estudante escolhido para ser escutado pela repórter continua: “São eles que chefiam o movimento, que ministram as palestras, quem entra e quem sai, o que acontece e não acontece lá dentro. Acontece uma aliciação dos menores, que não conhecem sobre o assunto. Ministram palestras só sobre o ponto de vista deles”. E enfatizava: “Não queremos entrar para debater, PEC sim ou PEC não, mas queremos, acima de tudo, a desocupação”.

Próximo do final, a reportagem mostrava o Promotor, afirmando que tentava não se posicionar, e pedia calma aos envolvidos para não houvesse briga por nenhum lado. Ao mesmo tempo, apontava a responsabilidade dos diretores das escolas, questionava por que a secretaria de educação não havia solicitado a reintegração de posse, e delimitava que as reivindicações ocorressem com todo o trâmite jurídico e burocrático. Em complemento à fala do Promotor, a reportagem exibia, ainda, uma última imagem e fala, de uma professora que mostrava indignação por acreditar que ocupações não eram a forma correta de se reivindicar os direitos; afirmava que a forma correta de reivindicação deveria se dar pela manifestação nas ruas ou pela cobrança direta aos parlamentares; e enfatizava a necessidade de se apresentar os “dois lados” sobre a PEC e as outras leis que estavam sendo discutidas.

A partir do movimento de entrevistas veiculadas por esses programas em que apareciam os sujeitos contrários, fossem eles pais ou estudantes, foi possível identificar algumas características e alguns pontos necessários para entender as ideias presentes nas suas narrativas.

Suas propostas se referem à desocupação das escolas, à organização de outras formas menos radicais de protesto, à investigação judicial da situação, à adoção do rito jurídico e burocrático. Defendiam que os motivos que os levaram a se posicionar foram a “interrupção das aulas”, “a decisão de ocupar as escolas, que havia tomada de modo não democrático” e o

fato de “a ocupação não ser uma forma certa de protestar”. As ações deste núcleo de pais contrários passaram a se basear na reivindicação de direitos jurídicos, com a expectativa de uma posição do governo do estado de Minas Gerais. A mídia afirmava tentar informar a população da cidade e da região de Uberlândia e do Alto Paranaíba. O Promotor de Justiça afirmava a tentativa de garantir equilíbrio entre ambas as partes, alertando o estado a ouvir os estudantes – pelo menos nesse período específico do mês de outubro de 2016.

Algumas características são bastante destacadas nas entrevistas que compuseram as reportagens: a presença da estudante que utilizou cálculo matemático no esforço de demonstrar sua acusação contra o movimento dos ocupantes; a presença de um estudante em trajes formais, vestindo terno, que, com articulação rebuscada da fala, acusava os estudantes ocupantes de não serem independentes, de serem “massa de manobra” e não terem conhecimento sobre as leis; a presença de pais preocupados com os estudantes que estavam sem aula, defendendo que aquelas ações não eram adequadas a jovens, que quem deveria protestar seriam os adultos, os pais; a presença da professora que defendia a importância de protestos, mas demonstrava contradição ao deslegitimar e relativizar a ocupação.

Existia, portanto, uma tensão, pois, na cidade, estabeleceram-se lados opostos: contrários ou favoráveis às ocupações. E o processo que se seguiu foi o de tentativas de se encontrar o diálogo, tendo o Estado como meio de terem seus direitos atendidos.

Os estudantes contrários, vistos nesta reportagem, tinham a noção de que é necessário uma ação coletiva para decidir as coisas, sendo assim, uma democracia. Tinham a noção de que cada sujeito dentro da escola é importante para essa decisão... Eles entendiam que a escola é um local de estudo. Porém, expressavam concordância com os métodos tradicionais de ensino.

Os pais se preocupavam com os filhos que estão sem aulas, se preocupavam com os estudantes que estão dentro das escolas por eles serem menores. Os pais, professores e o Promotor acreditavam numa forma menos radical de reivindicar e protestar. Para eles, seria necessário seguir o rito jurídico. Além disso, acreditavam na facilidade de dialogar com os representantes (deputados e senadores), e que isso surtiria algum efeito prático. Mas não expressavam a percepção ou a preocupação com o que havia motivado os estudantes a ocuparem as escolas, e, ao mesmo tempo, não se via, nas falas de pais, estudantes contrários e repórteres, algum conhecimento ou noção sobre as leis. A maior parte dos setores de mídia propôs uma perspectiva contrária às ocupações, exibindo recursos e estratégias na direção de comover a população da cidade, exibindo com frequência os estudantes que não estavam participando do processo por não quererem e porque os pais não permitiam. De modo por vezes sutil e por vezes mais explícito, a mídia viabilizou a proposta de desocupação das escolas.

É interessante notar que as famílias de cada estudante, em diferentes escolas da cidade, são diferentes. Em reportagem realizada em frente ao Fórum de Uberlândia, via-se pais de estudantes das escolas do centro da cidade. Não é possível identificar o conhecimento que eles pudessem ter sobre a funcionalidade do Ministério Público, mas é possível apresentar uma dúvida a respeito daquela pressão para impedir que acontecesse a ocupação da escola.

Em diálogo com essas posições contrárias, é necessário trazer, em contraposição, a memória e a posição dos estudantes que estavam nas ocupações, e, ao mesmo tempo, identificar as reações, os sentimentos e as ideias dos sujeitos contrários ao movimento e veiculadas pela imprensa.

Na entrevista realizada com a estudante Karine, é possível notar algumas ações feitas pelos estudantes da Escola Estadual Neuza Rezende que geram uma forte contradição em torno de alguns discursos contrários, como a organização do movimento e a relação da escola com os estudantes do Ensino Fundamental. Os estudantes da Escola Estadual Neuza Rezende afirmam o cuidado que tiveram em realizar um movimento democrático, ao propor e realizar uma votação para saber a opinião dos estudantes sobre ocupar a escola, com um sistema de votação simples e com a fiscalização da direção sobre o processo; votação que resultou em quase todos os votos favoráveis à ocupação. No trecho abaixo, Karine descreve o primeiro dia de ocupação. A partir desse trecho, é possível perceber como os estudantes se relacionam com a comunidade:

[Karine]: E, aí, eu ia falando com a galera. E entrou... Eu lembro que chegou uma mãe desesperada no portão, falando que aquilo ali era uma bagunça, que o filho dela não ia ficar no meio daquilo, não sei o que...! Ela tava muito desesperada, gritando, e ela falou: “ – Vou tirar meu filho daqui!”. Isso no portão, ela não tinha entrado ainda. E eu falei: “ – Olha, tá tudo bem.”. Tentei acalmar ela. Mas quando a gente fala isso em um contexto assim, acho que não resolve muita coisa. Aí eu tentei explicar, falei que era um movimento dos estudantes, e tal. E ela falou: “ – Ah, eu quero tirar meu filho daqui!”. “ – Tudo bem, a escola é da comunidade, você pode entrar, você pode ver o que tá acontecendo”. Era isso, a gente era muito aberto pra comunidade, a gente decidiu isso. “ – Então, você pode entrar, ver o que tá acontecendo, e, se você quiser levar seu filho, pode levar, a gente não tá prendendo ele aqui”. E, aí, ela entrou mesmo, foi lá procurar o filho dela, e ficou reclamando lá dentro, e gritando, e foi embora com filho dela, sem problema nenhum.

[Karine]: A notícia já se espalhou. De manhã, já tinha acontecido o negócio e as outras turmas já estavam sabendo, e à tarde, como eram os mais novos, muitos pais iam pra escola ver o que estavam acontecendo, fazendo as atividades... E, assim, em relação ao turno da manhã, à tarde estava muito mais organizado, porque a gente já tinha pegado o jeito da coisa, de como dirigir uma escola. [...] A gente conseguiu colocar o pessoal pra fazer algumas atividades, só que mais, rodas de conversa, tirar dúvidas sobre o que tava acontecendo... O primeiro dia foi isso, mais tirar dúvida do que estava acontecendo. E, no período da tarde, a gente... a mesma coisa com os mais

novos. Colocamos eles pra fazer oficina de cartaz... essas coisas, sabe, enfim... A gente ouviu o que eles tinham pra dizer, o que eles achavam do que estava acontecendo, porque eu acredito que esse público mais novo, dos estudantes mais novos, eles precisavam de uma maneira diferente de lidar também, então a conversa era diferente.

[Karine]: Mas foi assim. No primeiro dia surgiram muitas dúvidas de como a gente ia dormir lá. A gente separou dois dormitórios, as salas maiores que a gente tinha. A gente descobriu que tinha sala com chave, sim, aí a gente pegou essas salas que tinham chaves pra gente ficar e a gente dividiu pra meninos e meninas, uma sala pra meninas e outras pra meninos, porque a gente achou que ficaria mais organizado assim.

Percebe-se a relação dos estudantes com algumas das preocupações dos pais e do movimento contrário naquele período de início do movimento, e como essa explicação por colocar em xeque afirmações de que “o movimento era uma bagunça” e “os filhos iriam estar se divertindo”.

Os relatos presentes nas entrevistas realizadas com os estudantes tornam perceptível o esforço de todos os estudantes, em todas as escolas que foram ocupadas, para conseguir organizar e realizar atividades que fossem acessíveis à comunidade estudantil. Cabe ressaltar que, em relação àqueles estudantes mais novos, algumas escolas não tiveram a participação por conta da posição dos pais em não permitir a ida das crianças para as ocupações, mas, nas escolas em que isso ocorreu, houve uma participação efetiva dessas crianças na construção, como ocorreu na Escola Estadual do Parque São Jorge, onde havia a mesma preocupação da Escola Estadual Neuza Rezende e da Escola Estadual do Bairro Jardim das Palmeiras.

[João]: Eu tenho uma curiosidade, já que você tocou nesse ponto da comunidade, quando vocês estavam se organizando. Como a comunidade reagiu? Deles tentarem ameaçar vocês, ficar jogando pedra, essas coisas, como eles reagiram? E uma dúvida em relação ao medo de vocês estarem na escola. Qual que era o maior medo de vocês? Por que existia esse medo? Por que você acha que existia?

[Karine]: Sobre a comunidade, foi mais positiva do que a gente esperava. Teve a liderança de bairro do Tocantins, ele tentou chamar reuniões de pessoas da comunidade pra desfazer a ocupação. Então... Nossa...! Ele fez várias reuniões pra juntar pessoas, não sei se era pra fazer abaixo-assinado ou ir na porta da escola reclamar. Mas teve esse movimento da liderança de bairro que não surtiu muito efeito. A gente foi de infiltrado nas reuniões, a gente passava no lugar pra ver quantas pessoas tinha, participando, e, assim, pouquíssimas pessoas da comunidade foram nessas reuniões. Inclusive, ele foi visitar a escola achando que não ia ser recebido, eu recebi ele. A gente recebia e mostrava as atividades, não tinha problema nenhum. Eu questionava quem era, perguntava o nome, recebia e levava pra fazer um *tour* pela escola pra ver o que os alunos estavam fazendo. Ele viu que nós não estávamos fazendo nada de errado. O que eu digo não ter nada de errado é porque eu não sei o que ele

esperava. Na verdade, a gente ouviu muito da comunidade que tinha baderna, que era lugar pras pessoas fumar maconha, pra transar... sei lá, enfim... esse tipo de coisa que tentavam desmoralizar o nosso movimento, esse tipo de coisa o tempo inteiro. Mas estávamos na tentativa de provar que não era isso. A gente só poderia provar que era pra um bem social se a comunidade estivesse presente ali, tanto para os estudantes, quanto para os moradores dos bairros vizinhos. Enfim, foi essa recepção que vimos muita gente contra. A nossa escola fica em frente à casa de um pastor de uma igreja cristã, a gente não teve problema nenhum com isso também. É só um fato engraçado, mas, enfim, teve essa reação da comunidade porque eles achavam que a gente estava ali por causa da baderna, porque a gente não tinha um propósito e que a gente não sabia o que estava fazendo.

[Karine]: Uma preocupação que era muito forte desde antes de ocuparmos a escola, e por isso a gente passou de sala em sala falando que queria dar início a esse movimento, era que a gente estudasse mesmo, do que estava acontecendo. A gente acompanhava as notícias sobre a PEC, enfim, a gente lia, estudava todo o conteúdo referente a isso, pra poder explicar pras pessoas que não sabiam, que estava indo lá desmoralizar a gente de alguma forma, pra explicar o contexto e pra saber o porquê estávamos lutando, o porquê estávamos ali. A gente não deixava em nenhum momento o motivo de estar ali. E sobre o nosso medo, a gente tinha muito medo porque éramos novos, sobre tudo isso, éramos adolescentes, ter a responsabilidade de tomar conta de uma escola, sobretudo da vida de todas as pessoas que estavam ali, de quem estava à frente, de quem vai visitar, de quem vai estar ali em algum momento, é um fator muito pesado. Então, requer muita responsabilidade de quem está envolvido, e isso ocorre o medo. Sofrer ameaça gerou o medo também em todos nós, e, nesses momentos que as pessoas chegavam a vir tentar algum tipo de confronto, gerou medo em nós, enfim...

Também a partir dos relatos trazidos por Karine, é possível perceber como a comunidade em seu bairro se mobilizou em participar das ocupações, mesmo sendo contrários; do mesmo modo que houve uma resposta assertiva dos estudantes em acolher essa comunidade e estar inserida nela. Isso difere dos argumentos apresentados contrários nas reportagens em favor do impedimento das ocupações.

De acordo com o que relata Karine e com o que relataram muitos outros estudantes entrevistados, a escola manteve-se aberta nesse momento. O que passou a existir entre eles foi o medo de uma relação conflituosa com a cidade, em decorrência dos sentimentos contrários às ocupações que vinham sendo insuflados pela mídia, que constantemente procurava relativizar as pautas estudantis e polarizar ainda mais o momento.

A grande articulação dos estudantes contrários que tinham participação e apoio de setores conservadores da cidade, inseria-se num contexto de eleições municipais, de embates em torno da gestão da prefeitura. Os interesses políticos envolvidos sobre esse período contribuíram para a cruzada contra as ocupações. É possível se ver a consideração desse contexto por parte dos estudantes entrevistados durante a pesquisa, e, em seus relatos, é comum

se ver a defesa da postura íntegra dos estudantes ocupantes em se inserir no debate e manter a transparência de suas ações na relação com a comunidade para mostrarem as razões de seu movimento.

O estabelecimento do diálogo entre as diferentes partes durante o processo de ocupações foi limitado em razão da dificuldade do contato e da dificuldade de conseguir encontrar os materiais produzidos pelos estudantes contrários às ocupações, que mantiveram suas formas de manifestação mais restritas à *internet*. Esse ponto foi recorrentemente destacado pelos entrevistados. Ana Terra, em uma parte da entrevista, ressalta como foi cansativo e dificultoso o contato com os estudantes contrários, pois ambos os lados enxergavam um conflito de interesses e posições políticas, e, a cada aproximação, havia uma resposta enérgica de cada um dos lados.

[Ana Terra]: Lembro... Eu não vou lembrar exatamente o dia que foi, mas teve um dia que a gente tinha combinado de ter uma aula de literatura com foco no ENEM. Nesse dia, tinham mais de cem alunos na escola tendo a aula, e, tipo, um dia antes, a gente ficou sabendo que tinha um grupo no *Facebook*, alunos que tavam planejando entrar na escola pra ir contra a ocupação, porque a gente abriu a escola. Então não ia ter uma vigilância muito grande de quem tava entrando e a gente não sabia quem eram os alunos contrários ao movimento. Eu lembro que nesse dia a gente montou o pátio, e o professor já estava lá dando a aula, e, quando a aula acabou, eu lembro que tinha um grupo de alunos, mais ou menos uns dez alunos que se recusaram a senta. Eu fui oferecer o material pra eles, eles recusaram a aceitar o material e, quando a aula acabou, que o pessoal se foi, eles pegaram o celular. Inclusive, tavam filmando você. Um dos meninos com o celular, assim, na sua cara, igual aquele cara do *Mamãe Falei*. E faz, e aí, eu fiquei... Eu fiquei muito p... aquele dia! Porque eu falei assim: “ – Peraí...!” Eu, inclusive, puxei o menino que estava te filmando, falei assim: “ – Espera aí, você quer discutir, mas é só você que está registrando? Não, não, não! Então vamos todo mundo lá pro pátio!” A gente montou o microfone... “ – Vamos todo mundo aqui. Se você quer fazer um debate, a gente vai fazer com todo mundo ouvindo o que você fala e e o que nós falamos e a gente vai passar isso ao vivo. Não vai ser um vídeo editado”. Porque eles estavam tipo com o celular pra editar um videozinho depois. Tipo, pessoas de esquerda falando m..., coisas do tipo, igual o cara do “mamãe fala e faz”. E a gente fez isso. E fez essa. E eu tremia de ódio, eu tava com muita raiva, eu nem sei o que que eu falei nesse dia, eu tava muito nervosa. Mas, enfim, eu sei que teve o debate, que a *live* superviralizou, muita gente comentou. Essa é aquilo que a gente sabe hoje em dia, né? Quem quer acreditar que que o céu é rosa, não adianta ser dar nuvem em ponta de faca e falar que o céu é azul. Então acaba que esses debates, assim, muito inflamados com pessoas que não querem ouvir, eu vejo que eles não levam a gente pra lugar nenhum hoje em dia. Na época, eu achava que isso era algo que ia transformar o mundo e que as pessoas iam ouvir. Eu, inclusive, lembro que nesse dia, depois que que a gente fez essa *live*, botou o pessoal contra pra falar na frente das câmeras assim, eles tremiam também, eles estavam com muito medo. Eu lembro que o professor de sociologia, na época, o professor Luiz Fernando, ele puxou esses meninos pra sala dos professores, deram uma aula

pra eles. A gente nunca mais teve problema com eles assim. Mas um dia que eu lembro que foi muito tenso, assim, eu me senti... Quando eu vi, tipo, cinco pessoas com o celular na cara de outras pessoas da manifestação, encurralando elas, eu senti muita raiva, um sentimento de injustiça, tipo assim: “ – Espera aí, não, vocês querem debater, a gente debate. Mas vamos debater do jeito certo, todo mundo vendo que cada uma das partes fala. E isso vai ser feito ao vivo”. Então assim eu lembro desse dia tenso. E um outro dia muito tenso também foi o dia da reunião de pais, que a gente entendeu que a gente precisava conversar com os pais. E a gente recebeu uma sugestão de chamar um professor pra dar essa aula antes da gente fazer a reunião e conversar com os pais, eles deram uma palestra sobre o que tava acontecendo. E, assim, hoje vendo... A gente convidou os pais que eu não encontro... E o que aconteceu foi que foi uma palestra de uma hora e meia sobre o porquê que o *impeachment* da Dilma tinha sido um golpe. Então, esses pais só sabiam ficar mais p... E foi muito complicado conversar com eles, não teve diálogo. Eles só queriam saber qual era a data da ocupação acabar e a gente não tinha essa data porque a previsão era não acabar por tempo indeterminado até resolver a situação. Então, assim, esse dia foi bem tenso, foi um dia que eu lembro de sair, chorar muito e ficar muito mal, porque a gente não tinha conseguido convidar esses pais pra dentro da escola. A gente, na verdade, só afastou eles mais. Então, eu lembro desses dois dias, assim, que foram dias muito tensos.

É recorrente, nos relatos dos entrevistados, menção à intensa reação negativa, com violência e truculência da parte contrária ao movimento, e a explicação de como essa reação exigia dos estudantes no movimento de ocupação tomar muito mais cuidado e restringir o acesso daqueles sujeitos contrários que não pareciam ter o intuito de dialogar, mas de desestabilizar o movimento. O relato de Ana Terra e de Pietra apresentam a descrição de que não havia um movimento dos estudantes contrários no sentido do diálogo ou do debate sobre educação e destacam o processo conflituoso e desgastante que decorreu de interesses diversos.

[João]: Já que você tocou nesse ponto também dos estudantes que queriam ... – não só, não sei se era estudantes –, mas das pessoas que queriam invadir, colocar fogo, que foram com vocês, eu fiquei concluindo o seguinte... Ou havia estudantes que eram contra as ocupações?

[Pietra]: Sim, sim. Era, inclusive, um grupo acho que de quatro a cinco pessoas de estudantes, um deles era bolsonarista. É...“ – Nossa, nossa! Chegou gente do MBL lá!” Acho que foi isso. Chegou uma pessoa gravando a gente falando. Teve essa. Mas esses estudantes, eles eram contra a ocupação, eram pessoas do terceiro ano. E aí a gente começou a ter contato com o que eles tavam fazendo, né? Se eu não me engano, foi dessa forma. Mas uma pessoa nossa conseguiu entrar num grupo de *WhatsApp* que era deles, porque as pessoas estavam no terceiro ano também, e aí essa pessoa estava lá só captando as coisas, vendo e falando: “ – Oh, isso e aquilo, vão atacar a escola amanhã”. Então, a gente já teve que se aprontar. E, aí, o que que aconteceu? A gente teve que se dividir em três grupos, mais ou menos: um ficava na porta, outro ficava na quadra, eu acho que tinha outro no portão, que a escola é bem grande, e o outro ficava no muro. Foram, inclusive, esses.... Se eu não me engano, eles se dividiram, até porque teve gente que tentou pular o muro. Teve

gente que começou a escalar pela quadra. Então, eram pessoas que estavam... Eu acho que eles nem estavam, assim, lutando por alguma coisa, sabe. Porque parecia que era uma descarga de ódio mesmo que eles queriam colocar em cima da gente. Porque eram muito agressivos. Eu acho que essa questão de queimarem a porta e também a grade foram as mais tocantes pra mim, porque ficou muito claro que não era um debate, que era uma posição agressiva que eles estavam tomando e que eles iam continuar dessa forma.

[João]: E você acha que tinha alguém por trás deles assim algum grupo que estava tentando organizar isso pra poder fazer isso pra atacar vocês?

[Pietra]: Não sei. Eu sei que eles tinham apoio de um professor, mas não sei também como, e se tinha alguma coisa a ver com o MBL, já que esse cara conseguiu entrar lá, na escola, como um visitante. Porque a gente tinha isso, né? Tipo, às vezes tinha pessoa pra visitar, a gente falava: “ – Vamos conhecer o que está rolando na escola”. Porque todo mundo estava se movimentando, né? E, aí, pra você ver, esse cara começou a ser ríspido pra caramba com palavras e tal. Mas eu não sei se tinha alguém por trás. Eu sei que tinha um aluno que era mais cabeça, assim. No rolê, ele meio que organizava esses momentos assim. Inclusive, uma vez eu levei ele lá pra dentro da escola e comecei a trocar ideia com ele. Acho que outras pessoas fizeram isso também. Porque ele, sozinho, ele não ia fazer nada contra, sei lá, quarenta alunos, sabe? Mas, ao mesmo tempo, parecia que eram pessoas que estavam gritando pra que a gente fizesse alguma coisa, tipo, pra que rolasse uma agressão, sabe: “ – Olha, vou estar aqui com meu celular, filmando”. “ – Viu, como eles são perigosos? Nossa Senhora!” Então, a gente conseguia ver esse propósito, assim, né?

O trabalho de preparação que foi necessário aos ocupantes para lidar com a situação de divergência no diálogo e, em decorrência, de perseguição política aumentou ainda mais o estresse sobre esses jovens. A reação dos grupos contrários estava ligada principalmente a partidos políticos e movimentos políticos, pois esses mesmos grupos expunham suas posições políticas e essa ligação, enquanto expressavam com clareza a intenção de desestabilização dos estudantes ocupantes por meio do uso de recursos políticos, jurídicos e de pressão psicológica. Mas, ao mesmo tempo, segundo os entrevistados também relatam, propiciou, aos estudantes ocupantes, um importante aprendizado para a vida em uma democracia.

2.2 Conflitos e contradições

Durante o processo de ocupação, além da imprensa e do movimento dos estudantes contrários, que se mobilizaram para barrar as ocupações com objetivo de retomar as aulas, se viu a articulação da Promotoria para desencorajar o movimento.

Em um primeiro momento, as ações foram de ouvir e mediar, observar cada ação do movimento dos estudantes ocupantes, evidenciando a tentativa de produção de um lugar de

neutralidade. Com presença constante no noticiário, a Promotoria da Vara da Infância e da Juventude de Uberlândia tornou-se instituição de destaque na oposição ao movimento. Logo após o primeiro dia das ocupações, a primeira aparição do Promotor no noticiário aconteceu quando recebeu a visita de dois estudantes acompanhados de advogados.

Ao longo dos dias de ocupação, ampliou-se destaque para a presença da Promotoria, com notoriedade na imprensa, em articulação à presença das famílias que eram contrárias ao movimento. O teor das notícias revelava posicionamento de discordância em relação ao movimento de ocupação, de decisão por abertura de um inquérito e da possibilidade de punição dos envolvidos.

A análise desse recorte foi desenvolvida, nesta pesquisa, por meio de entrevistas realizadas por setores da imprensa local de Uberlândia e por meio da leitura do livro *O direito e a marcha da insensatez nas escolas ocupadas*, escrito pelo Promotoria da Vara da Infância e da Juventude de Uberlândia, Jadir Cirqueira de Souza, e publicado no ano de 2017 (SOUZA, 2017). Ressalto que, pela complexidade das posições, naquele período evidenciou-se o despontar de um conflito de interesses por parte de todos os sujeitos sociais que participaram desse processo.

Foi exibida uma primeira entrevista com o Promotor após duas semanas do início das ocupações, já próximo ao mês de novembro e à véspera da aplicação das provas do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) do ano de 2016. Um outra reportagem foi produzida, desta vez, pela Rede Integração, afiliada da Rede Globo, no dia 03 de novembro de 2016, e reproduzida à noite, no jornal MGTV 2 edição. Vale ressaltar que, na segunda exibição, durante o jornal noturno, foram veiculados apenas pequenos trechos, os mais polêmicos. Logo em seguida, foi compartilhada no *site* G1 na íntegra, com quarenta e dois minutos de duração.

Era um momento de tensão que colaborava para a pressão sobre os estudantes e a Promotoria. A entrevista era parte de uma reportagem que adotou a figura do promotor como protagonista, e adotou como linha de abordagem a oposição entre a promotoria e a Superintendência Regional de Ensino de Uberlândia (órgão da Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais). O início do vídeo mostra o promotor apresentando uma gravação em áudio que continha a voz do Superintendente Regional de Ensino. Esta foi a primeira exibição e, a partir desse momento, serão exibidas no noticiário algumas outras gravações em áudio com a voz do Superintendente Regional de Ensino.

Na primeira gravação reproduzida pelo promotor na coletiva de imprensa, ouve-se o Superintendente: informar sobre uma deliberação do Sindicato Único dos Trabalhadores em Educação de Minas Gerais (Sind-UTE/MG) pelo apoio dos professores ao movimento de

ocupação das escolas e pela construção de uma boa interlocução com estudantes e servidores; informar que está acompanhando o movimento para uma avaliação do andamento das ações; e enfatizar a importância do diálogo e da tranquilidade na relação entre os diversos sujeitos envolvidos.

Em outra gravação de áudio com a voz do Superintendente Regional de Ensino, exibida pelo Promotor ainda no noticiário, ouve-se o Superintendente afirmar-se enquanto interlocutor entre os diretores das escolas e no diálogo com a Promotoria da Vara da Infância e da Juventude de Uberlândia.

Há, ainda na reprodução dos áudios pelo promotor, a exibição de nova gravação de áudio com a voz do Superintendente Regional de Ensino, pelo Promotor durante a reportagem produzida pela Rede Integração e exibida no dia 03 de novembro de 2016. Quando se ouve o Superintendente manifestar preocupação acerca do modo como têm sido conduzidas entrevistas realizadas por setores da imprensa com os estudantes ocupantes.

Após as exibições das gravações de áudio, o representante da Promotoria participa de entrevista para registrar seu pensionamento e suas ações: 1) quanto à dificuldade em prosseguir com negociações junto à Superintendência Regional de Ensino de Uberlândia; 2) quanto à defesa de seu lugar de neutralidade na relação com as partes em conflito; 3) quanto à sua iniciativa de escuta dos estudantes ocupantes e de garantia de seus direitos por considerar as reivindicações do movimento legítimas, legais, democráticas e necessárias; 4) quanto à sua iniciativa de escuta dos pais dos estudantes ocupantes; 5) quanto ao reconhecimento de que os pais dos estudantes contrários às ocupações estavam em maior número e esse fato se configuraria como preocupante; 5) quanto à preocupação com pessoas de fora das escolas com ideologias que nada tinham a ver com o direito do movimento e que poderiam manipular os jovens; 6) quanto à sua disposição em escutar os estudantes contrários às ocupações em curso no que diz respeito à iniciativa de também ocupar as escolas como forma de oposição.

Com o prosseguimento das declarações à imprensa, ainda durante a reportagem produzida pela Rede Integração e exibida no dia 03 de novembro de 2016, ouve-se o anúncio por parte do representante da Promotoria de que tomará a providência de solicitar apoio à Polícia Militar e ao Juiz da Vara da Infância e da Juventude de Uberlândia, afirmando ter chegado à seguinte conclusão:

Temos dentro das escolas públicas de Uberlândia ocupadas pelos nossos alunos, pessoas estranhas a nós, pessoas de universidades, movimentos sociais, políticos e partidários que não tem nenhuma ligação com pautas sobre a educação. Pessoas que estão insuflando os alunos a continuarem o legítimo

direito a se manifestarem, mas por objetivos escusos, inidôneos (PROMOTOR....., 2016).

Essa entrevista ocorreu na forma de “coletiva de imprensa”, com um tempo significativamente longo de duração, com conteúdo composto por temas muito diversificados e com uso de linguagem técnica da área jurídica com poder de impactar e preocupar os telespectadores. Desse episódio, ressaltam alguns pontos que vale destacar.

Foi um momento importante, pois representou o encerramento do diálogo entre o representante da Promotoria e os estudantes ocupantes. E, com o encerramento do diálogo, a demonstração do posicionamento do representante da Promotoria a respeito do movimento de ocupação.

A reportagem com a última entrevista mencionada acima aconteceu como último ato do Promotor, após analisar a situação e finalizar o inquérito que havia sido aberto sobre o movimento de ocupação.

A repercussão da coletiva de imprensa foi de grande impacto sobre o movimento dos estudantes, na medida em que o teor das declarações durante esta entrevista tenham talvez se configurado como *casus belli* na direção da determinação para a desocupação das escolas.

Outro ponto que desponta com relevo da coletiva de imprensa, além dos mencionados acima, é o rico conteúdo contido no inquérito e o modo de sua composição.

Como resultado da atuação de acompanhamento do movimento de ocupações das escolas em Uberlândia o Promotor publicou, no ano de 2017, o livro intitulado *O direito e a marcha da insensatez nas escolas ocupadas* (SOUZA, 2017), que contém considerações sobre ensino público, a necessidade da defesa da educação e de crianças e jovens, e sobre suas ideias e ações durante o período das ocupações. No livro, defende a importância de uma maior presença dos pais na escola, para conhecê-la de forma mais profunda, apresentar suas questões e acompanhar as ações de seus filhos.

Da leitura das reclamações torna-se fácil perceber também, que querem ser ouvidos e considerados nas discussões dos rumos da educação ministrada nas escolas. Disseram que não são meros números. Possuem desejos e vontades. Infelizmente, quando resolvem denunciar os fatos ao Ministério Público, são vítimas do próprio sistema educacional. Na realidade diária, é perceptível que querem boas aulas e bons professores nas escolas. Aliás, desejam excelentes professores, capazes de modificar a realidade social de todos. Jamais, meros re-petidores de conteúdos propedêuticos velhos e desatualizados, no tempo e no espaço. Honrou-me a coragem dos alunos em apontar a dramática situação. Do jeito que se encontra a educação, poucos terão um futuro promissor. (CIRQUEIRA, 2017, p.180).

Enfim, a péssima qualidade da educação ministrada nas escolas públicas, foi um dos pontos mais comuns nas reclamações dos alunos das escolas ocupadas. Também concordo com os alunos. Ou fazemos uma revolução, de verdade, na educação, ou continuaremos com os sofríveis índices de qualidade internacional da educação brasileira. (CIRQUEIRA, 2017, p.180).

Os estudantes ocupantes haviam recebido, por parte da Promotoria da Vara da Infância e da Juventude de Uberlândia, o pedido de envio das reivindicações do movimento. Um vez que o movimento não tinha uma liderança única, centrada em determinada escola, os estudantes decidiram que o grupo de cada escola encaminharia sua pauta à Promotoria da Vara da Infância e da Juventude de Uberlândia, contendo suas solicitações e perspectivas sobre a escola, acompanhadas de fotografias, relatos e pedidos de ajuda sobre a condição das escolas. Por ocasião das primeiras manifestações públicas do Promotor, viu-se o cuidado com a apresentação das reivindicações, ao ressaltar a importância da pauta dos estudantes.

Contudo, quando se volta aos relatos dos estudantes ocupantes durante as entrevistas para esta pesquisa, é possível perceber que o impacto da manifestação final do Promotor durante a coletiva de imprensa reside no fato de que as reivindicações que haviam sido valorizadas de início ganharam uma outra conotação no momento em que os ânimos se acirraram. Aquelas reivindicações parecem ter se tornado motivo para o desgaste e para o encerramento do diálogo.

Na verdade, as escolas estavam sendo tomadas, e não ocupadas, depois de precárias assembleias estudantis. Não tiveram o direito de se manifestarem, inclusive esclareceram que tratava-se de jogo de cartas marcadas. (CIRQUEIRA, 2017, p.132).

Confesso. Não fiquei muito feliz com nenhum dos dois lados. Os argumentos foram inflamados, propositalmente para me convencer. Por uma razão muito simples. Além de não ser comum que alunos comparecessem no Fórum para lutar pela educação, em mais de vinte e cinco anos de palestras em escolas, raramente vejo um aluno citando um artigo do Estatuto da Criança e do Adolescente e da Constituição Federal, exceto em casos muito pontuais. (CIRQUEIRA, 2017, p.134).

São perceptíveis dimensões que se alternam no modo de considerar o movimento das ocupações. Se, por um lado, reconhece o livre direito dos estudantes se manifestarem, entendendo a motivação que fazia o movimento crescer a cada dia mais em toda a cidade, por outro lado, enuncia considerar os estudantes como “massa de manobra” orquestrada por sindicatos e partidos políticos.

Quando se volta aos relatos dos estudantes ocupantes durante as entrevistas para esta pesquisa, no momento presente, é possível perceber a repercussão dessa alternância entre os jovens.

Essa alternância pode conduzir a uma indagação: não se estaria, com isso, tornando possível ignorar a motivação dos jovens e retornando ao ponto inicial que produziu naqueles estudantes o sentimento de estar sendo desconsiderado pelo poder público e pelos adultos? O sentimento que brotou, por exemplo, por ocasião da ocupação da Câmara de Municipal, quando um grupo de vereadores desmereceu a mobilização estudantil, desdenhando de seus objetivos como “utópicos” e “fora da realidade”?

A postura de alternância entre as formas de lidar com o movimento, como dito mais acima, ora tendo que reconhecer o caráter valoroso da iniciativa das reivindicações, ora com a o incômodo diante do apoio que os estudantes passaram a receber de diversos sujeitos sociais não viria a resultar em desconfiança de sua capacidade de se organizar dentro da escola? Durante os relatos dos estudantes ocupantes ao longo das entrevistas para esta pesquisa, foi possível perceber respostas recorrentes a essa desconfiança com uma afirmação que se reiterava entre os diferentes entrevistados: as ocupações começaram e terminaram pela decisão e pela ação dos próprios estudantes.

As formulações de crítica ao movimento de ocupação das escolas terminaram por ganhar um contorno que dava margem a deduzir que as escolas não haviam sido ocupadas, mas tomadas, invadidas e saqueadas. Durante as entrevistas e ao longo das páginas do livro, vê a ênfase em uma imagem dos jovens estudantes vinculada a uma certa “visão sindicalista” que terminou por enfraquecer a incorporação dos ideais da defesa da educação.

Para os estudantes a alternância nas maneiras de considerar o movimento transpareceu como uma “postura dividida”: que se explicitou principalmente após a declaração de encerramento do diálogo com a Superintendência Regional de Ensino e com o início da pressão sobre o movimento na direção da desocupação das escolas. Ao mesmo tempo, para os mesmos estudantes, é necessário reconhecer a importância da ação do Ministério Público no sentido de assegurar o direito de manifestação, a proteção dos jovens e as diversas tentativas de diálogo, que não avançaram em razão do clima de desconfiança que se lançou contra o caráter do movimento.

Em entrevista concedida durante reportagem produzida pela Rede Paranaíba, e exibida no dia 22 de setembro de 2016 (reproduzida no programa Manhã Total, o promotor apontava que todos os lados naquele processo queriam se manifestar, o que era perceptível na conjuntura e do contexto polarizado no país naquele momento; defendia que a única forma de melhorar a

educação no Brasil seria com a aplicação do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) diariamente nas escolas. Contudo, essa compreensão se fazia no âmbito de uma visão jurídica sobre a realidade das escolas e do processo vivenciado pelos estudantes, isto é, colocava a lei no centro das decisões e não como suporte para as decisões da comunidade escolar.

Tornou-se perceptível nas características do movimento, naquele período, um certo preconceito em relação aos movimentos sociais, com uma preferência em se distanciar deles por conta do receio de acusação de cooptação política, de uma possível manipulação. Isso se constituiu em uma das pautas dos sujeitos contrários ao movimento e terminou por resultar em medo introjetado pelos estudantes.

A mídia configura um espaço muito importante para a compreensão desse medo introjetado pelos estudantes, que desenvolveram o receio de que suas ações e suas falas pudessem se tornar alvo sensacionalismo.

A exposição de todo o processo para a imprensa, segundo o promotor, havia trazido uma transparência sobre o que estava acontecendo, de forma a permitir à mídia decidir sobre o lado sensato. Com a abordagem definida pela mídia, foi possível perceber a criação de um personagem em torno desse processo de ocupação, dando protagonismo não para os jovens e as suas reivindicações, pois poucas foram as reportagens que denunciavam a situação das escolas e problematizavam a Proposta de Emenda Constitucional nº 55 (PEC 55) ou sobre a Medida Provisória nº 746 (MP 746).

O modo como foram conduzidas as reportagens e as entrevistas pela imprensa na cidade demonstrou que o interesse parecia ser outro, o de exhibir o episódio das ocupações de maneira sensacionalista, demonizando o movimento, contribuindo para que se estabelecesse lados opostos, sujeitos oponentes, e definindo heróis. O que motivou os estudantes, novamente, à pergunta: e a juventude?

Muitas questões permaneceram sem resposta, segundo os jovens estudantes do movimento de ocupações das escolas, como, por exemplo: 1) a educação como prioridade; 2) a situação de desigualdade social na realidade brasileira e na realidade da cidade de Uberlândia; 3) a participação efetiva da comunidade escolar nas decisões sobre os caminhos da gestão escolar.

De acordo com os estudantes, em meio a todas aquelas controvérsias, as pautas das ocupações foram deslocadas, relativizadas e até mesmo ignoradas com estratégias tais como a de “demonização” do movimento. Os estudantes voltam, agora, ao encontro das considerações iniciais apresentadas pelo Promotor: seria necessário ouvir os estudantes e os professores; a mudança na educação viria também começando na escola e na sala de aula, fazendo os recursos

chegarem até lá. E retornam às suas reivindicações e àquelas considerações iniciais para alertar que, quando essa pauta é relativizada ou ignorada, termina-se por enfraquecer a educação pública e favorecer a presença da iniciativa privada na educação e os projetos de privatização, que, em decorrência, dificultam o acesso a uma escola pública, gratuita e de qualidade e colaboram para acentuar a desigualdade social.

Esses conflitos, em todos os momentos do processo ali vivido, com suas transformações e contradições foram destacados pelos estudantes como importantes para perceber como o movimento das ocupações foi se modificando e compreendendo que a manifestação não era apenas sobre a PEC e outras pautas em nível macro, mas sobre a escola que os estudantes desejavam construir. Evidenciaram as contradições entre seus direitos e a realidade e também evidenciaram a falta do conhecimento das leis por parte da comunidade escolar. Após as ocupações, se viu uma mudança de consciência de ambos os lados, tanto da parte das direções das escolas, quanto entre os jovens em relação aos direitos e suas aplicações.

As ocupações destacaram diversos problemas e contradições na gestão democrática. Um importante problema foi a consciência, o debate com participação de toda comunidade escolar, em especial dos estudantes. Em algumas escolas, não havia grupo de estudos sobre política e nem preocupação sobre essa questão, havia pouca adesão, segundo alguns relatos. Outros problemas apontados foram: a direção evitava contato direto com os estudantes sobre esses conceitos e sua importância; permanência de uma tradição de poder e controle na escola, com diretores que se revezavam na gestão há décadas; ausência de Projeto Político Pedagógico para a escola ou existência de um de Projeto Político Pedagógico que tomava por base outras realidades.

Outro aspecto em relação ao (re)conhecimento dos direitos se referia ao estado da estrutura das escolas, com a falta de insumos básicos na alimentação ou na higiene da escola. Isso ficou evidente nos relatos feitos durante as ocupações e registrados no inquérito da Promotoria. Havia demandas e advertências por parte dos estudantes não só ao Ministério Público, mas ao Governo do Estado de Minas Gerais, pois os recursos não chegavam aos estudantes, segundo o próprio Promotor que relatou essa situação na coletiva de imprensa.

Percebeu-se que a tradição de permanência quase vitalícia de alguns diretores na gestão da escola terminou por ocasionar uma distância entre a direção e a comunidade escolar quanto às decisões, à fiscalização e à construção do espaço escolar. As ocupações deixaram as questões: Por que a escola é assim? Quem se beneficia com esses problemas? Por que os estudantes não podem participar ou não participam? De quem é a escola? Por que existe uma contradição na aplicação dos direitos garantidos na Constituição Federal?

A educação de qualidade para todos é considerada um direito fundamental de natureza social. Sua observância constitui temática constitucional de alta relevância, sendo, assim, de possível defesa jurisdicional. O Estado brasileiro, pelos seus dirigentes executivos, ainda não cuidou, como deveria, da efetivação das regras e princípios do texto constitucional. Aliás, o problema do cumprimento dos direitos fundamentais é secular. (CIRQUEIRA, 2017).

Um dos aprendizados passou, portanto, pelo reconhecimento da importância das leis para análise do sistema educacional. O Brasil tem o histórico, após a ditadura civil militar (1964-1985), de uma forte construção democrática, tendo leis e princípios baseados na liberdade e na promoção dos direitos humanos e na segurança dos direitos sociais, o que aparece no investimento da educação nos últimos vinte anos, na construção de uma escola pública e de qualidade, que estão garantidas na Constituição Federal de 1988 e na Lei de Diretrizes de Bases da Educação Nacional (LDB). A necessidade da permanência e inclusão dos jovens foi sendo debatida por longos anos, e, por conta dessas leis, foi possível a implementação, a transferência de recursos e a supervisão dos estados e municípios.

Com o avanço do investimento na educação, avançaram também a criação e o debate em torno de diretrizes curriculares e da busca da modernização da educação a partir das demandas sociais, tecnológicas e econômicas, como aponta a Resolução do Conselho Nacional de Educação para as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio, de 2012:

A elaboração de novas Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio se faz necessária, também, em virtude das novas exigências educacionais decorrentes da aceleração da produção de conhecimentos, da ampliação do acesso às informações, da criação de novos meios de comunicação, das alterações do mundo do trabalho, e das mudanças de interesse dos adolescentes e jovens, sujeitos dessa etapa educacional. (BRASIL, 2012).

É um investimento que vem atrelado ao crescimento da demanda da população refletida no ingresso dos jovens no Ensino Médio e das crianças na Educação Básica. Assim, ainda durante o período de ampliação de direitos antes do golpe de 2016, ocorreu um investimento por cada aluno que estava matriculado, com um planejamento para todas as áreas da educação.

Em resposta a esses desafios que permanecem, algumas políticas, diretrizes e ações do governo federal foram desenvolvidas com a proposta de estruturar um cenário de possibilidades que sinalizam para uma efetiva política pública nacional para a Educação Básica, comprometida com as múltiplas necessidades sociais e culturais da população brasileira. Nesse sentido, situam-se a aprovação e implantação do FUNDEB (Lei n. 11.494/2007), a formulação e implementação do Plano de Desenvolvimento da Educação

(PDE), e a consolidação do Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB), do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB). No âmbito deste Conselho, destacam-se as Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica (Parecer CNE/CEB no 7/2010 e Resolução CNE/CEB no 4/2010) e o processo de elaboração deste Parecer, de atualização das Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio. (BRASIL, 2012).

Em uma conjuntura democrática, com o respeito aos direitos de crianças e jovens à educação, as leis se fazem como forma de garantir a permanência dos estudantes na escola, com amplo investimento estrutural e metodológico, modernização dos métodos de ensino, mas também refletem os interesses dos governos que as estão construindo.

No período do governo Michel Temer, houve a diminuição do foco em educação, deslocando a concepção de educação, de um viés humanista para uma área voltada ao campo do trabalho e do ensino profissionalizante, com a finalidade de adequar os jovens como mão-de-obra na iniciativa privada. É nítida essa característica do ensino técnico, já nos primeiros parágrafos da Lei nº 13.415, de 16 de fevereiro de 2017, que instituiu o novo Ensino Médio, como se vê no Artigo 4º:

Art. 4º O art. 36 da Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, passa a vigorar com as seguintes alterações:

[...]

§ 6º A critério dos sistemas de ensino, a oferta de formação com ênfase técnica e profissional considerará:

I - a inclusão de vivências práticas de trabalho no setor produtivo ou em ambientes de simulação, estabelecendo parcerias e fazendo uso, quando aplicável, de instrumentos estabelecidos pela legislação sobre aprendizagem profissional;

II - a possibilidade de concessão de certificados intermediários de qualificação para o trabalho, quando a formação for estruturada e organizada em etapas com terminalidade. [...] (BRASIL, 2017).

Com a mudança do cenário global em relação à economia, à ascensão de governos neoliberais, com medidas de corte nos direitos básicos de garantia de educação e saúde públicas, vê-se a necessidade da participação da população na construção dessas leis, em especial dos profissionais da educação e dos jovens, em amplo diálogo, da base até o topo do sistema educacional. E não foi o que realmente foi feito na construção desta lei que reforma o Ensino Médio.

O termo ocupação surge dentro desse cenário de mobilização juvenil e política. Mas é necessário indagar o significado de ocupar, porque ele é importante e traz um entendimento por parte da juventude, de seus direitos, da aplicação de sua cidadania e da construção da

democracia. O significado da palavra baseia-se no entendimento de ocupar um espaço que é público, logo, dos estudantes.

[...] O movimento social da juventude insurgente contém um significado radical: a reapropriação democrático-radical do espaço escolar. Indo além de sua imediatividade política, o movimento de ocupação das escolas públicas pelos estudantes secundaristas é efetivamente uma crítica radical dos protocolos estranhados da gestão escolar em suas múltiplas dimensões. A moçada insurgente quer uma nova escola pública que deixe de ser um sistema burocrático e ideológico insensível às demandas dos sujeitos-produtores do processo de ensino-aprendizagem – não apenas professores, mas servidores administrativos e estudantes secundaristas. (ALVES, 2015, p. 1-2).

O entendimento dos estudantes sobre a importância do espaço e o pertencimento deles estava ligado diretamente ao sentido e ao objetivo da escola enquanto instituição. Não há escola sem estudante, do mesmo modo que não há escola sem professor. Assim, o apoderamento do espaço para propor a escola que queriam, para cumprir de forma efetiva o direito de estudar e para elaborar um tipo de ensino-aprendizagem que fosse compatível com suas demandas, pois eles haviam ocupado também a gestão da escola.

A possibilidade do estar junto, presente fisicamente, reforça as relações de contato entre os pares. Ainda que possamos estabelecer relações de comunicação, transpassando sentimentos e anseios, o contato físico não pode ser substituído e isso se reflete em todas as relações. Nas relações de ocupação em que o sujeito está ali, fisicamente, preenchendo um determinado espaço no lugar, como a escola, essa relação expressa uma maneira de estar presente que transpassa os limites que o virtual não comporta. Os lugares de trânsito, como aeroportos, praças, estações de trem, supermercados e bancos, podem parecer lugares onde as pessoas estabelecem pouca ou nenhuma relação. São lugares caracterizados por autores como Marc Augé (1994) como ‘não-lugares’, onde os fluxos financeiros e políticos alteram nossa percepção de tempo e dimensão espacial. A velocidade excessiva, hábitos de consumo e geração de informação estariam nos levando a um individualismo exacerbado. (BARROS, p. 47)

A diferenciação entre escolas e outros espaços públicos está diretamente ligada ao sentido que essas estruturas representam para os indivíduos, a sociedade e a cultura. Se há uma falha ou um problema em relação à efetividade daquele espaço que representa um direito ou tem ligação direta no cotidiano dos sujeitos presentes ali, logo o entendimento é de ocupar o que é seu, pois você também pertence àquele espaço como uma relação mútua de sentidos. Nós transformamos o espaço, do mesmo modo que ele faz o mesmo conosco, a comunidade tem o papel importantíssimo de apoderar-se das instituições que as representam.

Na gestão democrática das escolas, prevista na Lei de Diretrizes e Bases (LDB) e em outras legislações referentes à educação, assegura-se o direito e incentiva-se a participação da comunidade escolar. Os estudantes fazem parte dessa comunidade. Uma percepção que é bastante ignorada por algumas escolas e também pelo governo federal, como ocorreu em 2016 na gestão do ex-presidente Michel Temer. Por isso era necessário mostrar a quem esse espaço pertence e por isso a necessidade de ouvi-los, não mais considerando-os como objetos ou números.

Este movimento de registrar e apoderar-se do espaço urbano, transformando-o em lugar, está intrinsecamente ligado a esta memória dos acontecimentos, no exercício de atribuição de sentido e significado aos acontecimentos vivenciados nos espaços. Os locais de circulação, de encontro, de manifestação, colocam-se como potência para o sujeito produzir a si mesmo, já que o compartilhamento de desejos, ideais, conflitos, transforma o espaço em artefato cultural, em linguagem urbana. (HAMANN et al., 2013, p. 24 apud BARROS, 2018, p. 47).

As entrevistas permitiram despontar esse real significado do pertencimento dos jovens ao espaço escolar, na necessidade de refazê-lo e dar ainda mais sentido a ele, adornando-o com características estudantis, com a participação dos jovens e da comunidade inteira, bairros, cidade e movimentos sociais:

[P.I.M.L]: A escola ganhou outra cara, né, cara? Esse cara ganhou outra cara. Pra mim, que fiquei pouco tempo lá, a escola, a escola já tinha um ar de lar, né, um ar de casa, um ar de... Estava, tipo, outra cara. Literalmente, ela foi pintada, ela foi transformada visualmente: trabalhos na parede, cores... Ou seja, teve uma relação muito orgânica da ocupação com a estrutura da escola. Sim, a estrutura que eu falo é estrutura mesmo, assim, parede. E a dinâmica ali, nos espaços, também. Por exemplo, o corredor atrás da quadra, quem usava o corredor atrás da quadra? Antes da ocupação, como que aquele espaço era usado? Uma pergunta hipotética, que eu tô sinalizando, não dando o exemplo real do que aconteceu. Mas o corredor atrás da quadra... Ok. Durante a ocupação, aquele corredor atrás da quadra, ele começou a ser pontos de conversa, começou a ser lanche, começou a ser... Enfim, aqueles espaços começaram a ser espaços utilizados, sentidos pelas pessoas. Depois da ocupação, quando as pessoas voltam pra esse espaço em outros contextos, véio, a experiência já tá ali! Então, a experiência já permite transitar dentro da escola e como se transita dentro da escola e se torna outro.

Durante a pesquisa, principalmente com os relatos orais ao longo das entrevistas, ficou evidente a falta de participação dos estudantes nas decisões escolares e a limitação imposta a eles, com a proibição de uso de alguns espaços escolares, com a vigilância constante etc. Após as ocupações, os estudantes mantêm o entendimento que havia sido criado durante as

ocupações, de pertencimento do espaço e do estudante, da necessidade da constante permanência e de uso dos espaços:

[P.I.M.L]: Então, era... era... era um movimento... foi uma ocupação no sentido de negar, de afastar, né? No sentido de propor contra-argumentos, de propor uma discussão que chegasse até quem realmente ia sentir essas políticas, né? Então, assim, foi um processo muito grande pra formação da minha identidade, a ocupação secundarista e a ocupação secundarista no Zé Inácio em específico.

As ocupações apareceram como uma ação concreta fisicamente, mas também na metafísica, nos discursos e na consciência daqueles que participaram. Ocupar passou a ser também a ocupação das ideias, da sua identidade, dos problemas e da necessidade da luta, uma ocupação enquanto sujeito social e do seu valor político, econômico e importante para a cidadania do país.

[Ana Terra]: A ocupação é algo do secundarista: “ – Vocês são bem-vindos aqui, mas as decisões quem tomam são nós, somos nós”. Hum. Eu acho que a gente conseguiu fazer isso e distinguir esse movimento assim. Então, não era um movimento da esquerda, não era um movimento pra nenhum partido político, era um movimento do secundaristas que estavam sendo contra questões que a gente não concordava. Então, hoje em dia, eu vejo dessa forma. Hum. É lógico que essas pessoas entravam dentro da escola, a gente tinha o diálogo, muitas vezes elas davam opinião. Mas, no final, a gente conseguia colocar a palavra final como sendo nossa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do que foi analisado e discutido nesta pesquisa, identifiquei que as ocupações forjaram uma rede potente de sujeitos históricos, baseando-se na Constituição Federal e em seu cotidiano. Em cada escola havia reivindicações únicas, juventudes que pertenciam a uma realidade, a um espaço e um tempo e exigiam mudanças, mudanças que entraram nas pautas dos secundaristas não só como uma cobrança para a efetividade por parte do poder público, mas apareceram também na prática durante as ocupações, com a transformação proposta e experimentada pelos estudantes.

Criou-se na cidade um problema para os setores conservadores que reagiram rápido. Havia jovens que participaram também do outro lado, enquanto estudantes contrários, e, como todos os estudantes que estavam no campo da luta, se valeram da efetividade da democracia. Nunca na história da cidade houve um movimento tão potente e único. Isso fica evidente na história da cidade, com aspecto tradicionalista e conservador de uma cidade do interior. Mas a juventude mostrou que estava atenta e que precisava agir para apontar que, mesmo estando nesse cenário de limites, ela participava das decisões da sua realidade.

Para os jovens que participaram desse momento, a potência do processo junto com a consciência de pertencimento e da importância de lutar, incutiu nos sujeitos a necessidade de estar atento ao espaço e ao tempo, em como eles fazem parte de uma sociedade que está em constante transformação, a consciência de que eles não estão separados dela, estão dentro dela. Em nenhum relato identifiquei a sensação de derrota dos estudantes que estavam nas ocupações, todos consideraram que houve uma vitória, em especial uma vitória interior em sua própria construção enquanto sujeitos históricos.

[D.C.P]: A gente conseguiu barrar e tudo mais. Então, esse foi o momento que me impactou bastante. O primeiro. O segundo foi quando, entre aspas, a gente perdeu Por que que eu falo entre aspas? A gente perdeu dentro das votações no Senado e na Câmara contra a PEC, mas a gente ganhou no sentido de mobilização. E formação política da escola em Uberlândia como um todo. Não se tinha mobilização tão grande de rua e de movimento estudantil, antigamente, como se teve a partir de 2016. Se a gente pegar, de manifestações 2015, antes, a favor da educação ou qualquer outra pauta, as ruas eram vazias. Movimentos sociais, como Levante, Vamos à Luta, Movimento Correnteza,

Juntos, movimento antifascista que não era presente.... Assim, né, com uma grande mobilização, como é hoje. Se a gente vê imagens de 2019, quando se teve o “*tsunami* da educação”, a gente vai ver uma multidão de gente, uma multidão, de boca aberta e com uma esperança muito grande. Ocupação é uma manifestação que a gente pode comparar com a de São Paulo. Lotada, cheia. Sabe? Então, a gente ganhou, venceu nesses. Hoje, a gente consegue dialogar com o jovem e com a juventude com a facilidade muito maior dentro das escolas, dentro da faculdade, na rua também, com o trabalhador, de forma muito melhor do que se tinha antigamente. Então, foram esses dois momentos. Essa questão da evasão dos estudantes e professores contra e nesse, entre aspas, perder em relação à PEC. Tem muitas lembranças. Ainda hoje eu tenho contato com alguns discentes que estavam comigo. A gente mantém um grupo no *WhatsApp* de ex-alunos do Messias que participaram da ocupação, e, de vez em quando... Assim... Antes era mais... Antes da pandemia, a gente tentava pelo menos se encontrar uma vez ao ano pra poder realmente interagir, se ver e tudo mais. Mas eu tenho muitas lembranças, muitas lembranças do pessoal, do pessoal cozinhando... Tenho muitas lembranças.

A memória aparece então como resultado desse processo, mas também como importante ferramenta na construção da história da cidade de Uberlândia, na identidade dos jovens e das escolas. Por isso, torna-se necessária a constante rememoração do que foram as ocupações secundaristas e do que elas representaram para a cidade e para o Brasil.

[D.C.P]: Por muitas vezes eu me sinto cansada como pessoa, né? Individual, porque, se a gente vê que o teto dos gastos passou e aí vem uma pandemia, então a gente vê como que faz falta um SUS, como que faz falta na educação. E, aí, a gente vê tanto, eu nem sei enumerar. Então, muitas vezes é um cansaço. Eu acabei de falar das ruas. Mas, se a gente for pensar individualmente, você acaba se dando conta: “ – Nossa, eu tô nas ruas desde 2015, desde 2015 tentando impedir o *impeachment*... Que foi quando eu, individualmente, fui pras ruas pela primeira vez, porque eu não participei de 2013, adolescente, e minha mãe não deixou, simplesmente. Então, não fui, eu acompanhei como espectadora. Então, às vezes, batia um cansaço, mas ao mesmo tempo eu acho que ter passado por tudo isso não deixa de existir e faz reforma a importância de tá dentro desse movimento e dos movimentos sociais que estão lutando pra transformar. [...] É isso. São vários anos reafirmando a importância da política e de estar nela. Porque, se a gente não estiver nela, então as coisas seguem o mesmo rumo, né? Ficou algo mais breve, mas é porque eu acho que poderia ficar aqui meia hora tentando assim analisar, né?

O diálogo com as fontes possibilitou um entendimento da importância das aulas de humanas na formação do pensamento crítico dos estudantes, na criação de um espaço valoroso da consciência humana, ajudando os jovens a se identificarem enquanto cidadãos e se posicionarem criticamente contra a intolerância, as desigualdades e propor um novo modelo de sociedade.

A construção do movimento baseado no caráter social, incluindo todos os setores da cidade e da sociedade, não sendo restrita apenas a uma escola ou a um grupo, demonstra o caráter democrático de todos os jovens que participaram, entendendo que não se pode fazer uma revolução sem a participação de todos, sem o diálogo e o enfrentamento. Essa postura ocorreu por parte de alguns grupos de ocupações, sendo firmes, enfrentando aqueles que buscavam deslegitimar suas pautas, suas identidades e seus direitos, de uma maneira bastante empoderada, embasada não em discursos do senso comum, mas com tudo aquilo que a legislação sobre a educação enfatizava. É interessante notar como cada momento, ação e projeto realizado pelos estudantes estavam de acordo com a legislação, que indicava a possibilidade de criar uma escola participativa, com a participação efetiva dos estudantes.

Foi possível ver como processo de ocupação se iniciou com pautas gerais, em consonância e unidade entre todos os estudantes, e como, no decorrer da experiência, emergiram muitas outras pautas e reivindicações, pois, no momento em que os estudantes perceberam seu lugar na cidade, sua importância para as próximas gerações, vendo o poder conquistado por meio dessa mobilização, ganharam mais confiança e conhecimento para transcender o movimento. Os jovens conseguiram evidenciar também todas as contradições impostas pelo conservadorismo, pelo discurso neoliberal que traria ao poder uma extrema direita completamente avessa aos direitos humanos e sociais. É justamente com contraste entre o que os secundaristas fizeram no passado, que, cinco anos depois, eles podem se sentir completamente vitoriosos em saber que não estavam errados.

NOTA DE ESCLARECIMENTO SOBRE A DESOCUPAÇÃO DA E. E. PROFESSOR JOSÉ IGNÁCIO DE SOUSA

Mais uma vez na história de nosso país, as forças opressoras se impõem de forma autoritária para reprimir direitos de um movimento democraticamente organizado, tapando os olhos e ouvidos diante da insatisfação justificável dos estudantes. Vivemos um momento de poderes corrompidos, com representantes que cospem diariamente na Constituição. Estamos em transição de um governo democrático e corrupto, para um governo autoritário e corrupto. Temos consciência de que o governo anterior também tomou medidas contra nossa classe, porém ainda estávamos sem fôlego. Aprendemos que os três poderes estão corrompidos pela imunda e notória corrupção. As oligarquias ainda estão vigentes neste país, beneficiando toda uma classe elitista.

Durante 23 dias fomos testados ao nosso máximo, no campo físico e psicológico. Fomos questionados, pressionados e no mais extremo, ameaçados. Em contraposição, recebemos uma chuva de apoio de inúmeros lados. Resistimos. Nesse tempo, aprendemos que nossa força, quando somada, é extremamente poderosa. Não duvidem dela! Aprendemos que a fraternidade e

o conhecimento são princípios essenciais, que não podem ser roubados e sim construídos. Construímos. Tivemos experiências inovadoras e convivemos como família em uma luta focada nesse retrocesso que caminha para uma ditadura velada, com um fascismo camuflado de democracia. Qual será o destino do Brasil? Foi o que nos perguntamos a cada dia de ocupação, nessa célula em nossa escola, ao passo que moldamos o verdadeiro estilo de educação e sociedade que almejamos. Demos um tapa de pelica em todos aqueles que duvidaram de nosso movimento e da nossa legitimidade. Apresentamos fatos e argumentos, mas eles insistiram em dizer que éramos jovens demais, que precisávamos ser adultos para lutar pelos nossos direitos. Provamos e provaremos o contrário. Muitos pais e mães se preocuparam mais com notas ou com as três semanas que precisariam ser repostas, ao invés dos vinte anos de congelamento dos investimentos para educação e saúde - princípios básicos de qualquer ser humano, garantidos em nossa Carta Magna em defesa do Estado Democrático de Direito. A falácia de redução de gastos públicos contraposta com a ganância do atual governo mediante o aumento da verba destinada à mídia e a outros privilégios de seus cúmplices no atual processo de espoliação nacional, só reforçam a importância de nossa luta.

Aos que acreditam nos valores de nossas batalhas, ressaltamos que o combate não acabou. Manteremos uma mobilização permanente para além dos muros da escola. Podem matar uma, duas ou três rosas, mas jamais conseguirão deter a chegada da Primavera.

Alunos da ocupação.

Essa Carta de Desocupação escrita pelos estudantes, em diálogo com seus professores, suas famílias e em assembleia, a mesma que eles organizaram para poder dar início ao movimento com o qual entraram para a história. Ressaltaram sua consciência enquanto sujeitos históricos. Mesmo diante do final do movimento, permaneceram firmes, entendendo que o trabalho havia sido feito, a mensagem disseminada. Os resultados dessa mobilização continuam presentes nos muros e em algumas escolas, em pinturas, grafites e frases escritas durante aquele período, deixando uma mensagem para qualquer estudante, em qualquer tempo histórico, que aquele espaço é seu por direito e que outros que estiveram ali lutaram para garantir sua liberdade, seu protagonismo e a necessidade de ouvi-lo, considerá-lo parte da sociedade. Por isso, enquanto pesquisador na disciplina de História e professor, acredito que há a necessidade de reafirmar as reivindicações, fazendo da escola uma eterna ocupação.

FONTES

Cartas de Desocupação:

CARTA de Desocupação dos alunos da Escola Messias Pedreiro. Disponível em: <http://g1.globo.com/minas-gerais/triangulo-mineiro/noticia/2016/11/alunos-divulgam-carta-para-esclarecer-sobre-ocupacoes-em-uberlandia.html>. Acesso em: 12 set. 2019.

GRÊMIO Estudantil José Ignácio de Sousa. *Nota de esclarecimento sobre a desocupação da E. E. Professor José Ignácio de Sousa*. Uberlândia: [s. n.], 9 nov. 2016. Disponível em: https://www.facebook.com/EEPJISGE/posts/2172686592955516?__tn__=K-R. Acesso em: 13 set. 2019.

Entrevistas:

CASTRO, Ana Terra: depoimento [dez. 2021]. Entrevistador: João Victor Francisco Pereira Mendes. Minas Gerais: Uberlândia, 2021. 1 arquivo .mp4 (90 min.).

D.C.P: depoimento, [dez. 2021]. Entrevistador: João Victor Francisco Pereira Mendes. Minas Gerais: Uberlândia, 2021. 1 arquivo .mp4 (67 min.).

FERNANDES, Karine: depoimento [dez. 2021]. Entrevistador: João Victor Francisco Pereira Mendes. Minas Gerais: Uberlândia, 2021. 1 arquivo .mp4 (90 min.).

FERREIRA JÚNIOR, Alan dos Santos: depoimento [dez.2021]. Entrevistador: João Victor Francisco Pereira Mendes.. Minas Gerais: Uberlândia, 2021. 1 arquivo .mp4 (56 min.).

MACHADO, Ana Cristina Rezende: depoimento [dez. 2021]. Entrevistador: João Victor Francisco Pereira Mendes. Minas Gerais: Uberlândia, 2021. 1 arquivo .mp4 (65 min.).

NASCIMENTO, Paula Pietra Araújo: depoimento [dez. 2021]. Entrevistador: João Victor Francisco Pereira Mendes. Minas Gerais: Uberlândia, 2021. 1 arquivo .mp4 (67 min.).

P.I.M.L: Depoimento [dez. 2021]. Entrevistador: João Victor Francisco Pereira Mendes. Minas Gerais: Uberlândia, 2021. 1 arquivo .mp4 (90 min.).

FERREIRA, Nathália Santos: Depoimento[dez. 2021]. João Victor F. Pereira Mendes. Minas Gerais: Uberlândia, 2021. 1 arquivo .mp4 (90 min.).

Leis e Diretrizes:

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional: Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. 14. ed. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2017.

BRASIL. Lei n. 13.415, de 16 de fevereiro de 2017. *Diário Oficial da União*, Poder Executivo, Brasília, DF, 17 fev. 2017. Seção 1, p. 1.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. Parecer CNE/CEB n.7/2010. Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica. Brasília, DF: MEC/SEB, 2010.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. Parecer CNE/CEB n. 5/2011. Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio. Brasília, DF: MEC/SEB, 2011.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. Resolução CNE/CEB n. 2/2012. Define Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio. Brasília, DF: MEC/SEB, 2012.

BRASIL. Projeto de Lei n. 867 , de 2015. Inclui, entre as Diretrizes e Bases da Educação Nacional, o "Programa Escola sem Partido". Brasília, DF: Câmara dos Deputados, 2015. Disponível em:
<https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=1050668>. Acesso em: 22 dez. 2021.

BRASIL. Congresso Nacional. Proposta de Emenda à Constituição PEC 241, de 15 de junho de 2015. Altera o Ato das Disposições Constitucionais Transitórias, para instituir o Novo Regime Fiscal. Transformada na Emenda Constitucional 95/2016, Brasília, 15 dez. 2016. Disponível em:
<https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=2088351>. Acesso em: 12 mar. 2022.

Livro:

SOUZA, Jadir Cirqueira de. *O direito e a marcha da insensatez nas escolas ocupadas*. Uberlândia: Lumen Juris, 2017.

Reportagens e artigos:

ADUFU. Ocupação de secundaristas em Uberlândia. Uberlândia, 2016. Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=tmHgSP0ltqc>. Acesso em: 09 mar. 2022.

BALANÇO Geral. Escolas ocupadas: pais pedem retorno imediato das aulas. Uberlândia: TV Paranaíba, 25 out. 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=w-B-KRtNzhY>. Acesso em: 12 set. 2019.

BALANÇO Geral. Uberlândia: pais e alunos impedem ocupação de escola. Uberlândia: TV Paranaíba, 28 out. 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=h5zMooI9lqc>. Acesso em: 9 mar. 2022.

ESCOLA sem Partido: Professores da Faculdade de Educação da USP comentam o projeto “Escola sem Partido”. *In*: SÃO PAULO (Estado). Universidade de São Paulo, Faculdade de Educação. São Paulo: Universidade de São Paulo, s/d. Disponível em: <http://www4.fe.usp.br/escola-sem-partido>. Acesso em: 12 dez. 2021.

HÁ 10 anos, ‘pinguins’ marchavam no Chile. Entenda como isso mudou a educação. *In*: UNIÃO Brasileira dos Estudantes Secundaristas. São Paulo: UBES, 8 jun. 2016. Disponível em: <https://ubes.org.br/2016/ha-10-anos-pinguins-marchavam-no-chile-como-isso-mudou-a-educacao/>. Acesso em: 16 dez. 2021.

MANHÃ Total. Promotor lança livro sobre a ocupação das escolas. Uberlândia: TV Paranaíba, 22 set. 2017. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=lezU_AS9p38. Acesso em: 9 mar. 2022.

“NOVO” Ensino Médio começa a ser implementado a partir de 2022. *In*: ANDES – Sindicato Nacional dos Docentes das Instituições de Ensino Superior. Brasília: ANDES, 3 ago. 2021. Disponível em: <https://www.andes.org.br/conteudos/noticia/novo-ensino-medio-comeca-a-ser-implementado-a-partir-de-20221>. Acesso em: 12 dez. 2021.

PROMOTOR de MG diz que ocupações foram influenciadas e que foi traído. Uberlândia: G1, 3 nov. 2016. Disponível em: <http://g1.globo.com/minas-gerais/triangulo-mineiro/noticia/2016/11/mp-diz-que-ocupacoes-em-uberlandia-foram-influenciadas-e-se-diz-traido.html>. Acesso em: 1 fev. 2022.

BIBLIOGRAFIA

ALBERTI, Verena. *Manual de história oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2018.

ALEIXO, Caroline. Manifestantes pedem impeachment de Dilma em Uberlândia. *G1 Triângulo Mineiro*, 13 dez. 2015. Disponível em: <https://g1.globo.com/minas-gerais/triangulo-mineiro/noticia/2015/12/manifestantes-protestam-favor-de-impeachment-de-dilma-em-uberlandia.html>. Acesso em: 10 fev. 2022.

ALMEIDA, Paulo Roberto de; MACIEL, Laura Antunes; KHOURY, Yara Aun (Orgs.). *Outras histórias: memórias e linguagens*. São Paulo: Olho D'Água, 2006.

BARBOSA, Marta Emisia Jacinto. Sobre história: imprensa e memória. In: ALMEIDA Paulo Roberto de; MACIEL, Laura Antunes; KHOURY, Yara Aun (Orgs.). *Outras histórias: memórias e linguagens*. São Paulo: Olho D'Água, 2006. p. 262-272.

BARROS, Raquel Silva. Movimentos de ocupação estudantil secundarista: narrativas visuais/audiovisuais tecidas em páginas do *Facebook*. *RevistAleph*, Niterói, n. 30, p. 42-61, jul. 2018.

BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de história. In: BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política*. Ensaios sobre literatura e história da cultura. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1989. p. 222-232.

BLUME, Bruno André. Teto de gastos públicos? Entenda em 5 pontos!. *Politize*. 21 out. 2021. Disponível em: <https://www.politize.com.br/teto-de-gastos-publicos/>. Acesso em: 12 mar. 2022.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRASIL, Felipe Moura. Vídeo: Kim Kataguiri detona petista em Câmara de MG. *Veja*, 13 maio 2015. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/coluna/felipe-moura-brasil/video-kim-kataguiri-detona-petista-em-camara-de-mg/>. Acesso em: 10 fev. 2022.

CERTEAU, Michel de. A operação historiográfica. In: CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

COSTA, Cláudia Lúcia da; BEZERRA, Maria Cristina dos Santos. O movimento Primavera Secundarista no contexto do neoliberalismo: algumas considerações. *Expedições*, Morrinhos, v. 10, n. 3, p. 105-120, set./dez. 2019. Disponível em: https://www.revista.ueg.br/index.php/revista_geth/article/view/9608. Acesso em: 10 fev. 2022.

COUTINHO, Eduardo. O cinema documentário e a escuta sensível da alteridade. *Projeto História*. São Paulo, n. 15, p. 165-191, abr. 1997.

CRUZ, Heloisa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa. *Projeto História*, São Paulo, n. 35, p. 255-272, dez. 2007.

DAVIES, Nicholas. As camadas populares nos livros de história do Brasil. In: PINSKY, Jaime (Org.). *O ensino de história e a criação do fato*. 6.ed. São Paulo: Contexto, 1994.

DAYRELL, Juarez. O jovem como sujeito social. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, n. 24, p. 40-52, set.- dez. 2003.

DAYRELL, Juarez; CARRANO, Paulo. Juventude e ensino médio: quem é este aluno que chega à escola. In: DAYRELL, Juarez; CERRANO, Paulo; MAIA, Carla Linhares (Orgs). *Juventude e ensino médio: sujeitos e currículos em diálogo*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014. p. 101-134.

DAYRELL, Juarez; CARRANO, Paulo; MAIA, Carla Linhares (Orgs). *Juventude e ensino médio: sujeitos e currículos em diálogo*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

DOMINGUES, Mauro Petersen. Junho de 2013: E não eram mesmo só R\$ 0,20!. *Centro de Política Comparada*, Vitória, 17 jun. 2021. Disponível em: https://pt.linkedin.com/pulse/junho-de-2013-e-n%C3%A3o-eram-mesmo-s%C3%B3-r-020-cpcufes?trk=pulse-article_more-articles_related-content-card . Acesso em: 8 mar. 2022.

FANELLI, Giovana de Cássia Ramos. A Lei 11.645: história, movimentos sociais e mudança curricular. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Estudos Pós—Graduados em Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.

FÁVERO, Douglas Gonsalves. “*Olha, essa consciência política surge do agir!*”: experiências e memórias de estudantes secundaristas que ocuparam escolas públicas (Uberlândia – MG, 2016-2019). 2021. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2021.

FREITAS, Sônia Maria de. *História oral: possibilidades e procedimentos*. São Paulo: Humanitas, 2006.

FENELON, Déa. Cultura e História Social: historiografia e pesquisa. *Projeto História*. São Paulo, n. 10, p. 73-90, dez. 1993.

FENELON, Déa. O historiador e a cultura popular: história de classe ou história do povo? *História & Perspectivas*. Uberlândia, n. 6, p. 5-23, jan.-jun. 1992.

FONTANA, Josep. *História depois do fim da História*. Bauru, São Paulo: EDUSC, 1998.

GRAMSCI, Antonio. (Carta 57) 19 de dezembro de 1929. Separata de: *CARTAS do Cárcere*. Antologia. [S. l.]: Estaleiro Editora, 2011.

HADDAD anuncia Passe Livre para estudantes de São Paulo. Terra, [S. l.], p. 1-1, 26 dez. 2014. Disponível em: <https://www.terra.com.br/noticias/brasil/cidades/haddad-anuncia-passe-livre-para-estudantes-de-sao-paulo,5a4ef68e5388a410VgnVCM4000009bcceb0aRCRD.html>. Acesso em: 10 fev. 2022.

HARVEY, David. *Espaços de esperança*. São Paulo: Loyola, 2004.

HOBBSAWM, Eric. A outra história. In: KRANTZ, Frederick (Org.). *A outra história: ideologia e protesto popular nos séculos XVII a XIX*. Rio de Janeiro: Zahar, 1990. p. 19-33.

KHOURY, Yara Aun. Narrativas orais na investigação da História Social. *Projeto História*. São Paulo, n. 22, p. 79-103, jun. 2001.

LE GOFF, Jacques. Memória. In: LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas: Editora da Unicamp, 1990.

LEÃO, Diego; FAGARÁZ, Luiz Fellippe; MENDONÇA, Núbia Tortelli. Uberlândia é a cidade mineira com mais escolas ocupadas. *Brasil de Fato*, Uberlândia, 26 out. 2016. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2016/10/26/uberlandia-e-a-cidade-mineira-com-mais-escolas-ocupadas>_Acesso em: 10 fev. 2022.

MARSON, Adalberto. Reflexões sobre o procedimento histórico. In: SILVA, Marcos A. da. (Org.) *Repensando a história*. 6. ed. São Paulo: Marco Zero, s/d. p. 37-64.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; RIBEIRO, Suzana Lopes Salgado. *Guia prático de história oral: para empresas, universidades, comunidades, famílias*. São Paulo: Contexto, 2011.

NÃO é sério. Intérpretes: Charlie Brown Júnior; Negra Li. Compositor: Chorão. In: NADANDO com os Tubarões. Intérpretes: Charlie Brown Júnior. [S. l.]: Virgin, 2000.

PASSERINI, Luisa. Mitobiografia em história oral. *Projeto História*. São Paulo, n. 10, p. 29-40, dez., 1993.

PORTELLI, Alessandro. Sonhos ucrônicos: memórias e possíveis mundos dos trabalhadores. *Projeto História*. São Paulo, n. 10, p. 41-58, dez., 1993.

PORTELLI, Alessandro. A filosofia e os fatos: narração interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais, *Tempo*. Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 59-72, 1996.

PORTELLI, Alessandro. Forma e significado na História Oral: a pesquisa como um experimento em igualdade. *Projeto História*. São Paulo, n. 14, p. 7-24, fev., 1997.

PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente. *Projeto História*. São Paulo, n. 14, p. 25-39, fev. 1997.

PORTELLI, Alessandro. Tentando aprender um pouquinho: algumas reflexões sobre ética há história oral. *Projeto História*. São Paulo, n. 15, p. 13-49, abr. 1997.

PORTELLI, Alessandro. As fronteiras da memória: o massacre das Fossas Ardeatinas. História, mito, rituais e símbolos. *História & Perspectivas*. Uberlândia, n. 25/26, p. 9-26, jul.-dez. 2001/ jan.-jul. 2002.

RODRIGUES, Maria Vitória. O impacto de junho de 2013: o ponto de vista de uma jovem nas jornadas: Coluna. *Centro de Política Comparada*, Vitória, ano 2021, ed. 5, p. 1-1, 2021. Disponível em: <https://cpc.ufes.br/o-impacto-de-junho-de-2013-o-ponto-de-vista-de-uma-jovem-nas-jornadas>. Acesso em: 10 fev. 2022.

ROSSI, Marina. MBL monta contraofensiva para desocupar escolas no Paraná. *El País*, Curitiba, 31 out. 2016. Seção Brasil. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2016/10/29/politica/1477698231_566717.html. Acesso em: 10 fev. 2022.

SADER, Eder. *Quando novos personagens entraram em cena: experiências, falas e lutas dos trabalhadores da Grande São Paulo (1970-80)*. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

SANTOS, Milton. *Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico-científico informacional*. São Paulo: EDUSP, 1994.

SILVA, Marcos A. da. O trabalho da linguagem. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 6, n. 1, p. 45-61, set. 1985/fev. 1986.

SILVA, Marcos A. da. *História: o prazer em ensino e pesquisa*. São Paulo: Brasiliense, 1995.

THOMPSON, E. P. *A miséria da teoria ou um planetário de erros: uma crítica ao pensamento de Althusser*. Rio de Janeiro. Zahar Editores, 1981.

THOMPSON, E. P. Prefácio. In: THOMPSON, E. P. *A formação da classe operária inglesa*. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1997. v. 1. p. 9-14.

THOMPSON, E. P. Exploração. In: THOMPSON, E. P. *A formação da classe operária inglesa*. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1988. v. 2. p. 11-38.

THOMPSON, E. P. Padrões e experiências. In: THOMPSON, E. P. *A formação da classe operária inglesa*. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1988. v. p. 179-224.

THOMPSON, E. P. A venda de esposas. In: THOMPSON, E. P. *Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

VASCONCELOS, Regina Ilka Vieira. Cultura e memória: notas sobre a construção da lógica na pesquisa audiovisual de história oral. In: ALMEIDA Paulo Roberto de; MACIEL, Laura Antunes; KHOURY, Yara Aun (Orgs.). *Outras histórias: memórias e linguagens*. São Paulo: Olho D'Água, 2006.

VIEIRA, Maria do Pilar; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha; KHOURY, Yara Aun. *A pesquisa em história*. São Paulo: Ática, 1989.